

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso De Especialização Em Psicologia Clínica: Análise Existencial E Gestalt-Terapia

Júlia Alves

SABEDORIA DE VIDA E ANÁLISE EXISTENCIAL:
aproximações a partir da poesia de Cora Coralina

Belo Horizonte
2025

Júlia Alves

**SABEDORIA DE VIDA E ANÁLISE EXISTENCIAL:
Aproximações a partir da poesia de Cora Coralina**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Dr^o. Paulo Eduardo R. A. Evangelista

Belo Horizonte
2025

150 A474s 2025	<p>Alves, Júlia.</p> <p>Sabedoria de vida e análise existencial [recurso eletrônico] : aproximações a partir da poesia de Cora Coralina / Júlia Alves. - 2025.</p> <p>1 recurso online (62 f.): pdf</p> <p>Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Análise Existencial e Gestalt-terapia - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Vida. 2. Sabedoria 3. Psicologia existencial. 4. Psicologia clínica. 5. Coralina, Cora, 1889-1985. I. Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
----------------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Folha de Aprovação

SABEDORIA DE VIDA E ANÁLISE EXISTENCIAL: APROXIMAÇÕES A PARTIR DA POESIA DE CORA CORALINA

JÚLIA ALVES

monografia defendida e aprovada, no dia **sete de junho de 2025**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador

FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 02 de julho de 2025.

Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

Coordenador do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista**, **Coordenador(a) de curso de pós-graduação**, em 03/07/2025, às 11:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4344004** e o código CRC **EA0CFF7A**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Paulo Evangelista pela orientação e apoio na escrita deste trabalho. Agradeço também aos meus colegas de curso, Amanda, Ana Luiza, Thauane e Vinícius, por terem tornado a especialização uma experiência melhor.

Mais ainda, agradeço aos meus pais por sempre terem me incentivado e me permitido estudar e, principalmente, por serem a inspiração desta monografia. Agradeço à minha irmã pela companhia e troca de ideias, que contribuíram para este trabalho.

E, acima de tudo, agradeço a Deus, por mais essa oportunidade.

RESUMO

O acesso às próprias experiências é objeto de estudo da psicologia desde seu surgimento enquanto disciplina científica. Mais além, a atenção à experiência individual e sua legitimação, sem o encobrimento por pressupostos teóricos e explicações prévias, fundamenta correntes terapêuticas que se valem do método fenomenológico. Entre tais vertentes, destaca-se a Daseinsanálise, que compreende a existência a partir do pensamento de Martin Heidegger e, hoje, tem Alice Holzhey-Kunz como uma de suas principais expoentes. A autora enfatiza como, no viés heideggeriano, é próprio da vida uma dimensão filosófica, evidenciando a presença, mais ou menos velada, do entendimento sobre o que é existir para cada um de nós. Dentro desse escopo, surgiu o interesse pela temática da sabedoria de vida, isto é, do saber popular que é construído e transmitido pelas pessoas, fora dos muros acadêmicos, e que pode expressar e refletir a vida como é compreendida pelo referencial teórico supracitado. Assim, essa pesquisa se voltou para a literatura de Cora Coralina para buscar, identificar e analisar a sabedoria de vida sob o ponto de vista daseinsanalítico. No primeiro capítulo, apresenta-se uma compreensão do existir segundo a análise existencial. No segundo, um pequeno esboço da vida e da obra de Cora Coralina é ilustrado. No terceiro e último capítulo, entrelaça-se os sentidos desvelados a partir de cinco poemas com discussões sobre a condição humana e o dar-se da vida, entendidos conforme o referencial apresentado. Acreditamos que a poesia da escritora reflete o entendimento fenomenológico-existencial acerca da vida e da existência e que pode vir a ser proveitoso para a prática de psicólogos clínicos.

Palavras-chave: sabedoria de vida, daseinsanálise, Cora Coralina.

ABSTRACT

Access to one's own experiences has been a subject of study in psychology since its emergence as a scientific discipline. Furthermore, attention to individual experience and its legitimization—without being concealed by theoretical assumptions and prior explanations—underpins therapeutic approaches that employ the phenomenological method. Among these approaches, Daseinsanalysis stands out. It understands existence through the lens of Martin Heidegger's philosophy and, nowadays, has Alice Holzhey-Kunz as one of its main exponents. Holzhey-Kunz emphasizes that, from a Heideggerian perspective, life inherently contains a philosophical dimension, revealing the more or less hidden presence of an understanding of what it means to exist for each of us. Within this context, interest arose in the theme of life wisdom—that is, the popular knowledge built and passed on by people outside the walls of university, which can express and reflect life as understood through the aforementioned theoretical framework. Thus, this research turned to the literature of Cora Coralina to seek, identify, and analyze life wisdom from a Daseinsanalytic perspective. The first chapter presents an understanding of existence according to existential analysis. The second chapter outlines the life and work of Cora Coralina. In the third and final chapter, meanings revealed through five poems are interwoven with discussions about the human condition and the givenness of life, understood according to the theoretical framework presented. We believe that the poet's work reflects a phenomenological-existential understanding of life and existence and may be beneficial to the practice of clinical psychologists.

Keywords: life wisdom; daseinsanalysis; Cora Coralina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. UMA COMPREENSÃO DO EXISTIR	15
2. VIDA E OBRA DE CORA CORALINA	20
3. SABEDORIA DE VIDA E ANÁLISE EXISTENCIAL NA POESIA DE CORA CORALINA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	52
Anexo I	52
Anexo II	54

INTRODUÇÃO

Nos dois últimos versos de seu poema *Meu melhor livro de leitura (Vintém de cobre, 1985)*, Cora Coralina escreve:

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher.”

Ouso dizer que o ponto em que se está agora também não é o que vale, mas sim o trajeto existencial que percorremos como um todo. Em alguns momentos da vida, podemos nos sentir estacados, anestesiados, imóveis, sem conseguir andar pra frente. Neles, pode vir também a sensação de estar perdido, sem saber para onde ir ou simplesmente não querer ir. Tal qual um paciente depressivo que, estando incapaz de sonhar, se pergunta até quando a vida será cinza. É preciso lembrar e acreditar que, embora a ocasião esteja cinzenta, a vida toda pode não ser assim.

Mesmo se o ponto de partida e/ou o momento atual forem bons, repletos de expectativas e realizações, sozinhos eles não resumem, não abarcam totalmente a existência de alguém. Isso porque a vida é abertura (Heidegger, 2012) e pode sempre mudar, para melhor ou pior. Até realizarmos nossa possibilidade última, que é a morte (Boss, 1981). Nem tudo depende de nós, embora haja um imperativo do sucesso que insista que sim (Han, 2017). Viver também é estar sujeito a condições que não controlamos, pontos de partida que não escolhemos, relacionamentos que terminam contra nossa vontade, planos esforçados que ainda assim não dão certo, restrições financeiras que nos privam de certas experiências...

Então, as coisas são e mudam independentemente de nossa vontade, o que não pode nos tornar submissos à adversidade. Isto é, tornarmo-nos como aqueles que nunca têm culpa, portanto também não têm poder para agir¹, e dizem que de nada adianta tentar, já que nada depende de nós. Como aqueles pacientes que sempre se voltam para os outros, para as circunstâncias, para as justificativas e se esquecem de si em meio a essa narrativa. Viver é uma tarefa que só pode ser cumprida por nós, o que não significa que temos total controle sobre ela. E aceitar isso pode ser difícil.

¹ Discussão feita por Pompeia e Sapienza (2004a), em capítulo intitulado *Culpa e Desculpa*. Entre outros aspectos, os autores discorrem sobre como apenas os que têm poder para agir podem vir a tornar-se culpados de algo.

Em meio a adversidades e pontos de partida e de passagem agradáveis ou indesejados, cabe a nós caminhar. Por onde? Cabe a nós semear. O quê? Como? Cora Coralina não disse, e cinco anos do curso de psicologia também não te contam. Afinal, dar sentido à vida é tarefa complexa de cada um. Muito podemos descobrir e aprender sobre a existência por meio de leituras e, quem sabe, encontrar um sentido a partir disso. Filósofos como Heidegger, Sartre e Kierkegaard se dedicaram ao tema e produziram obras² que nos permitem pensar a existência. Nesse sentido, abordagens de psicologia surgiram embasadas nessas correntes filosóficas, como a Daseinsanálise, e, na prática clínica, possibilitam que sentidos sejam desconstruídos e criados, buscando contribuir para que a existência daquele que procura o terapeuta seja mais livre e autêntica (Sapienza, 2020).

No entanto, mesmo sem ser estudioso da filosofia ou ser acompanhado por um psicólogo, refletimos sobre a vida e podemos adquirir um grande saber a partir de nossas experiências. Vejamos, por exemplo, a confiança que Cora Coralina expressa ao escrever que “Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”. Ela não explica como nem por onde caminhar, muito menos o que será colhido no final, mas expressa a confiança de que algo virá, de que ainda que o ponto de partida seja vazio, o final não será o mesmo. Esses versos refletem a dinâmica da vida, na qual nossas histórias são indeterminadas e não têm contornos rígidos. Tanta abertura pode levar à perdição, mas também permite que coisas novas venham, se estabeleçam e mudem os rumos dos caminhos, que não estão prontos e precisam ser diariamente construídos.

Nessa perspectiva, podemos pensar nos conselhos de família, nas palavras de professores e de amigos, nas posições e falas de quem admiramos. Palavras que às vezes vêm do senso comum, de provérbios ou de livros ou novelas, mas que guardamos na lembrança por possuírem um saber experiencial que vai sendo transmitido entre as pessoas de nossa vida. Por exemplo, no conselho de minha avó e minha mãe, no que tange às amizades, de que devemos ter ‘mais amor e menos confiança’³ está guardado o fato de que a convivência com os outros enfrenta desafios e que podemos sofrer ao nos relacionarmos. Afinal, estar com os outros nos traz preocupações e sentimentos diante da liberdade que os outros têm e que nos escapa. Não sabemos como impactamos os outros nem quais serão suas ações e reações (Holzhey-Kunz, 2018). E pretender

² Respectivamente, podemos destacar *Ser e Tempo* (Martin Heidegger, 1927), *O Ser e o Nada* (Jean-Paul Sartre, 1943) e *O Conceito de Angústia* (Søren Kierkegaard, 1844).

³ Esta frase aparece em pesquisas como provérbio português, como o nome de um livro de Eduardo Queiroz, e tem sua autoria atribuída a Ronn Jorge Nicole.

controlá-las é uma ilusão que faz sofrer. Esse conselho traz a dimensão de que se relacionar necessita de cultivo de afetos e da aceitação de que o outro não é obrigado a fiar junto conosco a vida cotidiana. Isto é, de que é melhor cultivar a proximidade sem esperar que o outro nunca nos decepcione ou nos traia, pois o outro é livre e fia sua própria existência.

Ademais, gosto de me lembrar da pergunta que meu pai me faz quando estou aflita com algo, preocupada com o que vai acontecer diante de um plano que tenho. Enquanto fico ansiosa tentando prever o futuro que poderia dar errado, ele me questiona quantas estrelas existem no céu, ou me lembra que existem mais estrelas no céu do que grãos de areia na Terra. O que ele quer dizer com isso é que somos pequenos diante do mundo e da vida, que não nos cabe controlar tudo, e reconhecer nossa pequenez não significa deixar de fazer a nossa parte, mas se aquietar perante as infinitas possibilidades que podem acontecer, e a maioria delas nem conhecemos ou podemos imaginar. Mais ainda: quando ficamos nervosos querendo que um plano traçado aconteça exatamente como desejamos, nos esquecemos de tantas outras oportunidades, caminhos e coisas que podem vir adiante, e que poderiam ser até melhores.

O futuro desconhecido e a indeterminação típica da vida doem muito, por exemplo, em um paciente que experimenta vivências obsessivas: refazer, voltar ao início, conferir tudo para certificar-se de que tudo está certo e de que as coisas estão em ordem e permanecem as mesmas. A imprevisibilidade também incomoda muito aqueles que vivenciam o tempo de maneira apertada, no qual todos os sonhos precisam caber no período da juventude, ou para aqueles com dificuldade de entrelaçar passado, presente e futuro. Tocando agora na vivência do tempo, cito mais uma frase de Cora Coralina: “não procure jamais o passado no presente”⁴. Podemos nos perguntar, a partir dela, se a autora, sem desconsiderar o que já foi, alertava que a vida não é formada apenas por isso, que o presente não é o mesmo do passado.

Claro que saber, cognitivamente, tudo isso não nos exime de sofrer, de ficar muito envolto no que já passou ou preocupado com o que o futuro reserva; de tentar garantir que as coisas estejam perfeitas; de nos compararmos uns com os outros pensando que os outros já têm tanto mais do que nós. Contudo, este saber que vem da experiência de vida dos que nos transmitem essas coisas, por meio de conversas ou de versos, podem trazer conforto e abrir nossos horizontes. Da mesma maneira, o que vamos vivendo modifica nossa história e pode se constituir em um saber experiencial sobre a existência.

⁴ Verso do poema *A Casa do Berço Azul*, do livro *Meu Livro de Cordel* (1976).

Nessa conjuntura se inscreve o objetivo dessa pesquisa: atentar para a sabedoria de vida produzida e vivida fora do saber acadêmico, das teorizações e pesquisas sobre saúde mental. Cada um de nós, ainda que não seja estudioso da filosofia ou psicologia, possui um entendimento sobre a condição humana. Conforme os estudos de Alice Holzhey-Kunz (2018), somos acompanhados por verdades ontológicas⁵, que costumam permanecer como um saber de pano de fundo enquanto vivemos o dia a dia, como o fato de que um dia todos irão morrer. Tais verdades às vezes saltam para o primeiro plano e interrompem nossa familiaridade cotidiana, como uma crise de pânico, marcada pelo intenso medo da morte. Do mesmo modo que essa escuta aguçada sobre a condição humana pode desencadear sofrimento, a sensibilidade sobre o que é existir pode ser sábia e tomar forma de literatura. Por vezes, em uma linguagem simples e cotidiana.

Nesse sentido, entrelaço uma frase que minha mãe ouvia de uma tia com escritos de Guto Pompéia, importante autor e psicólogo daseinsanalista. Minha tia dizia que “na vida, a gente não pode perder a ilusão”. Literalmente, ilusão significa erro de percepção, engano, uma interpretação equivocada da realidade. Todavia, também usamos este termo para nos referir a sonhos, a projetos e desejos; ao estado de entusiasmo com alguma coisa. É nesse sentido que minha tia aconselhava a não parar de sonhar, a não desistir, mesmo quando as coisas dão errado e estão ruins. Mesmo com palavras talvez inadequadas e com erros de português, pessoas simples transmitem sabedoria. Pompeia (1992), ao refletir sobre encerramentos de ciclos e processos, retoma a etimologia da palavra sabedoria: paladar. Sabedoria advém de sentirmos o gosto da ilusão e da desilusão, e, a partir disso, poder nos iludir de novo. Para voltar a sonhar *de novo*, e não *outra vez*, do mesmo modo; é preciso abarcar, compreender a desilusão que veio sobre nós. Fazendo isso, percebemos que somos maiores que a desilusão e, não esquecendo o que vivemos, podemos sonhar de novo, sem apenas repetir.

Tendo fé e esperança nas travessias, aceitando o que a realidade traz, lembro-me desses versos de Cora, de seu poema *O longínquo cantar do carro (Vintém de cobre, 1985)*:

Dizia meu avô:

Quando as coisas ficam ruins,
é sinal de que o bom está perto.

⁵ Este conceito será melhor explicado no capítulo 03.

O ruim está sempre abrindo passagem
para o bom.

O errado traz muita experiência
e o bom traz às vezes confusão
“Nem sempre assim nem nunca pior”

Meu avô conhecia todas as verdades
e gastava a filosofia de quem muito viveu
e aprendeu.

Quando as coisas não iam muito bem,
ele dizia: amanhã estará melhor.
E descia curvado para o seu engenho de serra.

Assim, esta pesquisa pretende relacionar sabedoria de vida e análise existencial a partir da poesia de Cora Coralina. Para tanto, este trabalho apresentará, brevemente, uma concepção de existência a partir do referencial heideggeriano; um pouco da biografia e das obras de Cora Coralina; para, por fim, analisar cinco poemas da escritora à luz da perspectiva teórica apresentada. A relevância de pesquisar nesse caminho reside na possibilidade de evidenciar outros modos de acesso à experiência humana, legitimando o saber que se apresenta. Outros modos que representam maneiras de lidar com a vida e com as dificuldades, marcados pela simplicidade e humildade.

Ainda, pode-se especular que essa investigação pode vir a ter relevância para a prática clínica de psicólogos que trabalham com abordagens fenomenológicas. Na medida em que nos voltamos aos fenômenos como eles aparecem, sem nos precipitarmos em teorias e explicações prévias que podem nos afastar do que se passa com o paciente, faz sentido respeitarmos e testemunharmos a sabedoria que eles constroem ao longo da vida, a qual também pode contribuir para desamarrá-los de modos de ser restringidos e impróprios.

Metodologia

Esta pesquisa tem como método a fenomenologia hermenêutica. Tendo como base os poemas de Cora Coralina, buscamos desvelar o sentido presente nos versos da escritora. Segundo Colpo (2019), numa investigação como essa, os sentidos são sempre aproximados dado o contexto em que se encontram. No entanto, esse exercício de interpretação, que é a hermenêutica fenomenológica, não deve se basear em horizontes prévios. Assim, seguiremos a máxima husserliana de voltar às coisas mesmas, buscando sentidos para os fenômenos apresentados.

A escolha da autora Cora Coralina, por sua vez, se justifica na medida em que seus escritos retratam o cotidiano das mulheres de sua época, em uma linguagem marcada pela simplicidade e que, em especial em suas obras envoltas no tema da velhice, veicula a sabedoria conquistada pela experiência. Cora frequentou a escola somente até a terceira série primária, o que não a impediu de se tornar uma leitora assídua. Ademais, a poetisa goiana enfrentou dificuldades econômicas e sociais em grande parte de sua vida, tendo trabalhado em várias atividades domésticas e sociais, como vender doces e retalhos, para sustentar a família (Vicente e Dias, 2021). Por conseguinte, Cora Coralina, e tantas outras escritoras brasileiras, nos ensina sobre a vida, a condição e o sofrimento humano em seus versos. Aqui, opta-se pela poetisa goiana em virtude de um apreço pessoal por sua poesia. Serão analisados cinco poemas - os meus preferidos de Cora.

1 UMA COMPREENSÃO DO EXISTIR

Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (2005), apresenta uma concepção diversa acerca do ser humano. Pensando a questão do que é *ser*, o filósofo cunha um novo termo para se referir aos homens: *Dasein*, traduzido como ser-aí. Essa terminologia aponta para como o ser humano é compreendido: como o aí ‘onde’ o ser acontece. Dessa maneira, Heidegger rompe com as concepções metafísicas segundo as quais o homem é um organismo separado do mundo em que ele vive, e que seu corpo e sua mente seriam estruturas distintas e apartadas, sendo a mente algo ‘dentro’ do seu ser. De outro modo, o viés heideggeriano compreende que o homem não nasce *em* um mundo separado dele, mas que ele se dá desde o início no mundo.

Ademais, segundo Feijoo (2011), o ser-aí é descrito desde o princípio como o ser capaz de se perguntar sobre o ser. Diferentemente dos outros seres, o *dasein* se indaga sobre o ser das coisas e sobre seu próprio, tendo a si mesmo como questão. O que nos acontece, o que somos, as coisas à nossa volta, as interações com as pessoas; tudo isso se constitui em reflexões e indagações para nós mesmos, e vai sendo costurado na história de vida de cada um.

Ainda segundo Feijoo, no referencial heideggeriano, adota-se sempre uma perspectiva singular, já que o ser-aí não tem determinações prévias que o encapsulam, mas constitui-se de um poder-ser. Ou seja, o *dasein* não possui pré-determinações nem nunca encontra-se determinado, acabado. Ao contrário, o *dasein* é indeterminado e possui um caráter de abertura. Para Heidegger, ser-aí é existir: estar voltado para fora, estar voltado sempre para algo além de si. Assim, todas as coisas são, mas apenas o homem existe, e é nisso que consiste sua essência. Essa abertura é essencialmente compreensiva, que projeta o *dasein* em seus possíveis (Sapienza, 2020). Isso não significa que o homem está sempre planejando e refletindo, mas que o compreender diz respeito às possibilidades do *dasein*, sempre experimentadas em um estado de ânimo, ou seja, em alguma disposição (Idem).

Por ser fundamentalmente uma abertura compreensiva na qual os fenômenos aparecem, o ser-aí experimenta a cada vez possibilidades de ser. Tal caráter essencial do *dasein* possui três momentos (Salanskis, 2011): estar-à-frente-de-si, já-ser-num-mundo e com-o-estar-próximo. Respectivamente, isso significa que o ser-aí sempre se preocupa com o seu possível, projetando-se em possibilidades futuras; o que ocorre em condições fáticas do seu mundo, formado por tudo que o *dasein* já foi e o que lhe aconteceu; tendo ainda a possibilidade de

identificar-se com seu presente, alienando-se. O termo utilizado para descrever esse caráter essencial do ser-aí é cuidado (*Sorge*): viver é ocupar-se (com as coisas) e preocupar-se (com os outros), no ciclo que envolve passado, presente e futuro. Destarte, a temporalidade é o fundamento ontológico do cuidado (Sapienza, 2020).

Outro aspecto inalienável do ser-aí é sua finitude. Ao preocupar-se com seu possível, *dasein* também está constantemente em relação com a morte, sua possibilidade extrema e última. Nesse sentido, Salanskis (2011) a descreve como a possibilidade mais própria do ser-aí. Ainda, o autor afirma que “A morte é totalização porque a existência é constantemente inacabamento, incompletude, apelo ao possível” (p. 42). Nesta esteira, pode-se compreender dois importantes fenômenos : angústia e culpa.

Para Medard Boss (1981), psiquiatra que fundou uma abordagem psicoterápica a partir da compreensão heideggeriana da existência - a *Daseins*análise -, angústia e culpa são fatores dominantes da vida humana. Segundo ele, toda angústia é, no fundo, a angústia do fim do ser-aí. *Dasein* sempre zela por si, por estar aí, “por isso as pessoas que mais temem a morte são sempre as mesmas que mais têm medo da vida, pois é sempre o viver da vida que desgasta e põe em perigo o estar-aí” (p. 26).

Já a culpabilidade é descrita por Boss (1981) como estar-culpado originário, que não poderia ser inculcado a partir de figuras de autoridade, numa relação de causa e consequência. Na língua alemã a palavra culpa (*Schuld*) deriva de um vocábulo (*Sculd*) que significa falta, carência. E, de fato, sempre falta algo na vida humana, e algo também sempre é devido: o filho deve obediência aos pais, o homem deve trabalhar e produzir na sociedade, o fiel, por vezes, fica em falta em relação ao Sagrado, tomando os exemplos do autor. O que é devido é o deixar-se necessitar, na medida em que, enquanto humanos, somos o aí, a clareira de mundo em que todos os fenômenos podem aparecer e ser para uma dada existência.

Não há, conseqüentemente, nenhum fenômeno da consciência humana que não deva e não possa ser entendido no fundo como um chamado e uma advertência para cumprir a missão humana de guardião e pastor de tudo aquilo que tem que aparecer, que ser, e que quer se desdobrar na luz de determinada existência humana (p. 39)

Apesar de serem fatores dominantes, angústia e culpa podem ser superados. Sem ser o objetivo discutir, aqui, como isso se dá, é válido, porém, mencionar fenômenos nos quais consiste a superação. No caso da angústia, Boss menciona a vivência do amor, da confiança e do estar-abrigado. No que tange à culpabilidade, o ser-aí, sendo uma abertura na qual fenômenos

aparecem e se ocultam, pode corresponder ou esquivar-se das possibilidades de seu mundo. Dasein pode ir ao encontro ou se fechar àquilo que lhe aparece, o que é o fundamento da liberdade.

Nessa perspectiva, pode-se refletir sobre o sofrimento em fazer escolhas. Por que existem pessoas indecisas? Algumas até incapazes de opinar, de escolher um curso de graduação ou até um prato para o almoço. Mesmo que não pensem efetivamente sobre isso, elas sofrem, uma vez que escolher é renunciar: indo ao encontro de algo, os outros caminhos também possíveis naquela ocasião se fecham e, a depender da magnitude e do momento, a escolha feita pode vir a ser significada posteriormente em meio à paz ou ao tormento. Seja qual for o cenário, escolhas são necessárias, na medida em que o ser-aí é ser-para-a-morte. Ele terá um fim, realizará sua possibilidade última que é não poder mais ser. Portanto, não poderá ele realizar todas as possibilidades, mas caminhar em direção a algumas, dado seu mundo e sua história. Não obstante, a todo momento somos chamados a corresponder a algo, a ser a clareira onde dado fenômeno pode aparecer.

A superação da culpa pode ocorrer quando se aceita a condição fundamental de ser guardião e de estar à disposição, sem reservas:

se dasein assume livremente seu estar culpado diante das possibilidades vitais dadas a ele, se ele se decide, neste sentido, a um ter-consciência e um deixar-se-usar adequado, então ele não mais experimenta o estar culpado essencial da existência humana como uma carga e uma opressão de culpa (p. 40).

Como já expressei anteriormente, todas as possibilidades, portanto também as escolhas, do ser-aí se dão em seu mundo fático. Segundo Sapienza (2020), esse estar jogado num mundo, qualquer que ele seja, é chamado de facticidade, consistindo na tarefa do dasein de arcar com sua existência e ser responsável por ela. Mundos diferentes contam com possibilidades diferentes, e, dessa forma, algumas vidas podem se deparar com um cerceamento existencial maior do que outras. O mesmo decorre da corporeidade, ou seja, do fato que nós não temos um corpo, mas que somos um corpo. E “o mundo que temos só é este que temos porque a nossa corporeidade é essa que somos” (p. 45). Assim, conforme a autora, é sendo o corpo que somos, com o que nos marca permanente ou temporariamente, como sexo, cor, beleza, saúde ou falta dela, cansaço ou disposição, velhice ou juventude; que somos no mundo com os outros. E, podemos dizer, corporeidades diferentes são mundos diferentes.

Não obstante, ser-aí é fundamentalmente coexistência e a própria vivência da solidão, de se estar isolado, só é possível por existirmos com os outros, essencialmente. O ser-um-com-o-outro pode ser compreendido a partir dos estudos de Alice Holzhey-Kunz (2018) que, tendo como referência Jean-Paul Sartre, aponta para a liberdade irreduzível que o outro tem diante de nós. Ou seja, os outros vêm ao nosso encontro, independentemente de nossa vontade, e, uma vez expostos a ele, podemos ser vistos e julgados de maneiras que não controlamos. Ademais, por mais que as pessoas ajam de acordo com costumes sociais e expectativas, o outro é livre para agir e reagir como lhe convier, subtraindo-se, mais uma vez, ao nosso controle. No entanto, há uma contradição em ser-com-o-outro, na medida em que sofremos com essa liberdade, porém vamos ao encontro do outro, que “deve deduzir de mim o peso da responsabilidade por minha vida ou ao menos compartilhar esse peso comigo” (p. 106). Sendo assim, buscamos seu olhar e sua aprovação.

Todas essas características do *dasein* mencionadas até aqui são chamadas de existenciais, por caracterizarem ontologicamente o ser-aí (Sapienza, 2020). Além disso, um outro aspecto fundamental do *dasein* - e que será basilar para esta pesquisa - consiste na inclusão pré-ontológica. Segundo Holzhey-Kunz (2018), a existência é o compreender afinado do próprio ser. Para Heidegger, o homem possui uma relação com seu próprio ser, e a compreensão abarca também comportamentos e vivências que não se resumem ao planejar ou refletir. Dito de outro modo, é próprio da vida humana uma dimensão filosófica. O saber ontológico, ou seja, o saber sobre nossa condição humana e o que nos caracteriza, permanece como um saber de pano de fundo. Ele pode saltar para o primeiro plano, como em vivências de transtornos mentais e crises de pânico, por exemplo. Mas também pode ser transformado em arte ou em reflexões e conhecimentos sobre o que é existir.

Logo, o que é existir, com precariedade, coexistência, angústia, culpa, possibilidades e escolhas, é sabido, de maneira mais ou menos velada, na vida de cada um.

Para finalizar este primeiro capítulo, cito um trecho do poema *Meu Vintém Perdido* (*Vintém de cobre*, 1985), que acredito ilustrar o que me atrai para escrever esta monografia, o porquê de buscar a sabedoria, também, fora dos muros da universidade e do saber erudito:

A maior dificuldade para mim sempre foi escrever bem.

A minha maior angústia foi superar a minha ignorância.

Confesso com humildade essas verdades simples e grandes.
Sou mulher operária e essa segurança me engrandece,
é o meu apoio e uma legitimação do que sou realmente.

A linguagem errada dos humildes tem para mim um gosto de terra
e chão molhado e lenha partida.

Jamais procurei corrigi-los como jamais tolerei o bem falante, exibido.

Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente,
fácil e floreada, encenada nos arcaísmos do idioma.

Tive uma empregada que só dizia “meicado”.

Outra que teimou sempre em me dizer “Dona Coria”.

Não criei obstáculos nem propus conserto. No fim,
quando me dirigia à primeira eu dizia: Vai ao “meicado”,
com medo de que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso,
como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples.

Tão fácil, espontânea e pitoresca nos seus errados.

2 VIDA E OBRA DE CORA CORALINA

Anna Lins dos Guimarães Peixoto Brêtas nasceu em 20 de agosto de 1889 na antiga capital goiana, Vila Boa de Goiás - hoje chamada Cidade de Goiás. Começou a usar o pseudônimo de Cora Coralina na juventude, ainda em sua cidade natal, quando escrevia para jornais locais. A escolha de um novo nome vem da vontade de não ser confundida com outra Anna, já que a padroeira da Cidade de Goiás é Sant'Anna e muitas meninas recebiam esse nome ao nascer (Britto & Seda, 2011).

Dois livros que narram a vida de Cora Coralina são *Cora Coragem, Cora Poesia* (Tahan, 2002) e *Cora Coralina: Raízes de Aninha* (Britto & Seda, 2009). O primeiro foi escrito por sua filha caçula, Vicência Brêtas, em doses de realidade e de ficção. Ele também será usado como referência para este trabalho, mas, por se tratar também de literatura, as informações dele utilizadas serão somente aquelas endossadas pela obra de Britto e Seda (2011).

Estas são as duas fontes consultadas para a escrita deste capítulo, que não tem como pretensão esgotar todos os acontecimentos na vida da escritora nem todas as suas contribuições - que foram inúmeras. Objetiva-se, apenas, apresentar a figura de Cora Coralina para que a análise subsequente de seus poemas seja melhor estruturada e compreendida.

Segundo a investigação de Britto e Seda (2011), Cora Coralina descende de uma família rica de Goiás, que possuía terras, fazendas e trabalhadores escravizados. Portanto, eram uma tradicional família do Brasil do século XIX. No entanto, quando Cora nasceu, a escravidão havia sido abolida, e sua família não mais dispunha dos mesmos meios de exploração e produção. Ademais, empreendimentos malsucedidos levaram ao endividamento da família. Ainda segundo Britto e Seda (2011), a mãe de Cora Coralina ficou viúva três vezes e não teve um filho homem, o que contribuiu para dificuldades financeiras.

A esse respeito, Cora Coralina escreveu em um de seus poemas (*Menina mal amada*, do livro *Vintém de cobre*, 1985):

Ao nascer, frustrei as esperanças de minha mãe.

Ela já tinha duas filhas, do primeiro e do segundo casamento
com meu Pai

(...)

Era justo seu desejo de um filho homem

e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada
 com minha figura molenga, fontanelas abertas em todo o crânio.
 Retrato vivo do velho doente.

Pouco depois do nascimento de Anna, seu pai faleceu e, como é narrado em alguns de seus poemas, ela era uma criança de aspecto franzino, amarelado, de pernas moles, que vivia caindo à toa. Não obstante, Cora conta em entrevista ao programa *Frente a Frente*, em julho de 1984, que era chamada, quando criança maior, de “menina inzoneira” pelos familiares. Isso porque inventava coisas e as misturava com a realidade, o que despertava o medo de sua família de loucura da menina, por “ser filha de velho doente”. Depois que sua mãe se casou novamente, Anna perdeu o lugar de caçula, ganhando uma nova irmã. No poema *Minha Infância (Freudiana)* (*Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 1985), constam os seguintes versos:

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
 Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
 Duas me precederam - eram lindas, mimadas.
 Devia ser a última, no entanto,
 veio outra que ficou sendo a caçula.

Também neste poema, Cora expressa:

“Eu era triste, nervosa e feia”,

E, mais adiante,

Melhor fora não ter nascido...
 Feia, medrosa e triste.
 Criada à moda antiga,
 - ralhos e castigos.

Já se pode perceber, portanto, tonalidades de sua infância, marcada pela autoridade dos mais velhos, pelos castigos da época e da solidão em que se encontrava Aninha - apelido dado pela sua família e utilizado por Cora Coralina ao escrever, já “no tarde da vida”, como ela diz, memórias de sua infância, dando voz à menina feia e desajeitada que assim era vista pela família. “Não sem motivos, desenvolveu um complexo de inferioridade que resultou na imagem da menina inzoneira, mal amada e feia da Ponte da Lapa” (Britto & Seda, 2011, p. 41).

Ponte da Lapa é o nome da ponte em cuja extremidade se situa a casa da família de Cora Coralina, a qual ficou conhecida como Casa Velha da Ponte em suas obras. Hoje, lá se localiza o Museu Casa Cora Coralina. Por baixo da ponte, correm as águas do Rio Vermelho, que também é presente na poesia de Cora.

Ainda no período da infância, Cora frequentou a escola, mas somente por cerca de dois ou três anos. Sobre a breve experiência de educação formal que teve Aninha, uma figura se faz muito importante: Mestra Silvina, sua professora. Também na entrevista supracitada, Cora expressa gratidão à sua velha mestra pela paciência e didática com a aluna que ocupou “sempre o banco das mais atrasadas”. O livro, publicado por Cora em 1983, *Vintém de Cobre*, foi dedicado à Mestra Silvina, que “teve a paciência para descortinar o mundo da leitura e da escrita na menina que ninguém acreditava que aprendesse a ler” (Britto & Seda, 2011, p. 45).

Depois disso, tal como sua mãe - uma leitora voraz, Cora passou a “driblar as frustrações utilizando a leitura” (p. 47). Após os anos de escola, a família se muda para a Fazenda Paraíso, propriedade do avô de Aninha. A mudança se deu devido ao aluguel da Casa da Ponte, como um meio de arrecadar dinheiro para a família. Contrastando com as lembranças da Casa Velha da Ponte, que oferecia um cotidiano marcado por limitações e preconceitos, os tempos passados na Fazenda Paraíso constituíram momentos felizes entre suas relações familiares. Na Fazenda, continuou a ler; lia romances e jornais enviados por sua mãe. De acordo com a biografia escrita por Clóvis Britto e Rita Seda (2011), o tempo passado na Fazenda foi o que começou a gerar um fio narrativo, que percorreria muitos de seus poemas futuros. Aninha entrou em contato com a vida rural e também com a contação de histórias. Assim, foi lá que Cora Coralina escreveu muitas de suas primeiras crônicas.

Em 1905, já moça, retornou à Casa Velha da Ponte. A partir daí, pôde desenvolver mais seu talento como escritora, declamadora e jornalista (Britto & Seda, 2011). Nessa época, foi redatora do jornal literário *A Rosa*, junto com três outras mulheres. Ademais, participava do

Clube e do Grêmio literários de sua cidade, comparecendo a tertúlias e a demais eventos. Apesar de sua pouca educação formal, Cora Coralina, já nas primeiras décadas do século XX, era uma escritora e jornalista reconhecida. Contudo, veio a publicar seu primeiro livro apenas em 1965, quando já tinha mais de 70 anos de idade. Entre os possíveis motivos para essa demora, Britto e Seda (2011) citam o fato de Cora, nesta época, escrever em prosa, o que era menos comum entre os escritores, além da falta de condições financeiras para a publicação e a ausência de incentivos familiares.

Não apenas a família não incentivava a escrita de Cora Coralina, como também a censurava. O destino traçado para as mulheres na época era o casamento, de modo que estudos, leitura e escrita, tão preciosos a Cora Coralina, eram condenados; o que deveria ser aprendido era o governo de uma casa, o papel de esposa. Nesta esfera, Aninha também era alvo de críticas familiares, tanto por sua aparência física quanto por seu jeito de ser (Tahan, 2002). Cora retratou em versos o que ouvia:

Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.

Três acham logo casamento, uma, não sei não, moça feia num casa fácil

(Poema *Aquela Gente Antiga II* do livro *Vintém de Cobre*, 1985).

Os comentários sobre sua aparência e possível solteirice incomodavam Cora, até que lhe veio uma resolução: atentando-se a outras belezas que possuía, decidiu não se incomodar mais com tais comentários; viveria com as belezas dentro dela (Tahan, 2002).

As previsões da família, todavia, se mostram erradas e Anna não ficou solteira. Em meio às tertúlias e eventos no Clube Literário, ela conhece Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, advogado que era o novo Chefe de Polícia de Vila Boa de Goiás. Cantídio era separado e tinha três filhos, além de uma filha que teve fora do casamento. No livro de Vicência, filha do casal, a história dos dois envolve uma fuga para São Paulo: como a família de Cora era contra a união dos dois, por Cantídio já ser um homem comprometido, ele se demite de seu cargo em Vila Boa de Goiás e sugere que Cora, que já estava grávida, vá com ele. Britto e Seda (2011) não apontam uma fuga, mas afirmam que Cora e Cantídio não se relacionavam às escondidas, sofrendo, por isso, preconceitos. E, independentemente das reprovações sofridas, decidiram viver juntos. Desta

maneira, conforme a segunda biografia, Cantídio estava sendo alvo de críticas em seu trabalho devido a mudanças políticas na região, perdendo o cargo de chefe de polícia. Assim, foi com Cora para São Paulo, onde seria mais fácil arrumar outro emprego, já que já havia ocupado cargos públicos naquele Estado e mantinha relações com ex-colegas de faculdade. Anos depois, em 1925, com o falecimento da primeira esposa de Cantídio, eles oficializaram sua união.

No caminho para São Paulo, Cora e Cantídio buscaram a filha ilegítima dele, à época com dois anos de idade, que Cora criou como se fosse sua filha desde então. No novo Estado, a nova família se estabeleceu em Jaboticabal. Todos os filhos de Cora Coralina nasceram lá; ela deu à luz sete crianças, mas duas faleceram antes de um ano de idade. Sobre os filhos, Cora escreve o poema *Semente e Fruto (Vintém de cobre, 1985)*, em que expressa que os filhos foram para ela pão e água no deserto, tendo construído sua resistência. Ainda, afirmava que os filhos lhe proporcionaram o que o marido não deu. Pouco é escrito sobre ele no trabalho de Britto e Seda (2011), e também na própria obra de Cora. O que sabe sobre Cantídio, enquanto marido, é que ele era ciumento e não gostava que Cora publicasse seus escritos. Não se importava que ela escrevesse, mas não queria que ela publicasse. Contudo, o sentido que Cora via em escrever era justamente a publicação (Britto & Seda, 2011).

Em Jaboticabal, sobrava-lhe pouco tempo para escrever, mas quando sua irmã Helena se mudou para esta cidade, Cora passou a ter alguém para lhe ajudar na criação dos filhos, tendo mais tempo. Escreveu para uma revista goiana e também para jornais paulistas (Britto & Seda, 2011). Não obstante, Cora foi mais do que mãe, esposa, jornalista e escritora: sempre tendo sido boa para cuidar de plantas (Tahan, 2002), e percebendo o clima quente de Jaboticabal, Cora sugeriu à prefeitura que plantasse mudas para arborizar e refrescar a cidade. Vendeu mudas para o governo local e criava e comercializava roseiras. Ademais, Cora foi uma das fundadoras da *Associação Damas de Caridade da Cidade de Jaboticabal*. Reunia amigos e vizinhos para ajudar aos mais necessitados; era reconhecida como alguém humilde, caridosa e sábia (Britto & Seda, 2011).

Em 1929, Cantídio foi transferido para Salto Grande (SP) e, buscando assegurar o estudo dos filhos, Cora se mudou para São Paulo, capital, onde os filhos teriam oportunidades de educação formal. Em 1934, seu marido faleceu. Tendo que criar os filhos sozinha, Cora abriu uma pensão para abrigar aqueles que iam para a capital e precisavam de um lugar para ficar. Arrumava quartos, fazia comida e entregava marmitas. Era muito trabalho, do qual Cora não

fugia. Como escrito no livro de Britto e Seda (2011), não havia tempo para lamentações, para chorar; Cora precisava cuidar dos filhos e sustentar a família. Entretanto, o empreendimento da pensão não deu certo. Depois disso, Cora passou a vender livros para a editora José Olympio, era amiga do dono e passou a vender as obras da editora. Lia os livros e convencia os compradores de sua importância.

Em 1936, uma de suas filhas foi nomeada professora do Ginásio Estadual da cidade de Penápolis, e Cora mais uma vez passou a viver no interior. Morou cinco anos nessa cidade, onde também continuou plantando e vendendo mudas para arborização, não só de Penápolis, mas também de outros municípios. Além disso, Cora Coralina abriu outro negócio: comprou retalhos de tecidos na capital e montou uma loja para revendê-los, a Casa Borboleta, que prosperou. Nessa perspectiva, ela reuniu os comerciantes locais para criarem uma Associação Comercial. Ela escrevia no jornal local e, assim, ficou conhecida, bem como suas ideias (Britto & Seda, 2011).

Não foi apenas nos campos jornalísticos, literários e comerciais que Cora se destacou. Em Penápolis, tornou-se membro da Ordem Terceira de São Francisco, organização religiosa de devotos de São Francisco de Assis. Como Irmã integrante da obra, Cora Coralina passou a ser penitente; os membros da organização tinham o propósito de buscar a santidade e se reuniam para rezar, meditar e montar estratégias de atuação na comunidade. No entanto, não viviam reclusos, permaneciam em suas famílias, trabalhos e outras esferas da sociedade. Relatos reunidos e organizados no trabalho de Britto e Seda (2011) descrevem uma mulher que abraçou a pobreza, não somente no sentido de tentar atenuá-la para aqueles que pediam ajuda, mas de viver a simplicidade, nas vestimentas, nas coisas e na vida.

Depois dos cinco anos em Penápolis, Cora se mudou para Andradina, cidade que estava surgindo. Ao visitar essa nova cidade, curiosa ao ver tantas pessoas indo para lá, Cora já volta com uma casa alugada, espantando as pessoas por sua atitude aventureira. Em Andradina, permaneceu por quinze anos, até quando precisou voltar a Goiás para finalizar o inventário decorrente da morte de sua mãe e lutar para não perder a Casa Velha da Ponte, patrimônio da família. Antes disso, em Andradina, Cora tornou-se mulher sitiante: adquiriu um terreno de mata fechada, vendeu madeira para a construção da estrada de ferro e passou a ser agricultora. Plantou algodão, milho, diversas frutas e continuou a cultivar flores (Britto & Seda, 2011).

A ligação com a terra, com a vida de lavradora, o contato com os boia-frias nordestinos que trabalhavam em sua terra ou em terras próximas, toda a vivência na criação e no cuidado com

o sítio se mostram muito presentes na obra coralineana. Entre seus escritos mais famosos estão *A Oração do Milho* (Anexo I) e *Poema do Milho* (Anexo II), poemas tão descritivos ao retratar a vida e a terra. Não obstante, além da palavra “pedra” - símbolo das dificuldades, lutas e resistências muito presentes na vida de Cora -, a palavra “terra” é citada muitas vezes ao longo dos textos da escritora (Britto & Seda, 2011)

Em 1956, quase meio século depois de deixar Goiás, Cora Coralina retorna à sua terra natal. De volta às suas raízes, Cora criou a “máscara lírica ‘Aninha’” (p. 246). Estando em Goiás, continuou a escrever e começou a lutar pela publicação de seu primeiro livro. Depois de muito procurar, conseguiu a publicação pela Editora José Olympio, em São Paulo, para a qual havia trabalhado, anos atrás, como vendedora. Seu primeiro livro lançado foi *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, em 1965. Como o nome indica, Cora retrata em sua poesia a vida dos becos das cidades, das pessoas esquecidas que viviam e transitavam por eles: “os pobres, as lavadeiras, as prostitutas, enfim, a gente humilde, sem vez e voz” (p. 268). Depois de sua primeira publicação, ela enfrentou dificuldades para se inserir no campo literário de seu Estado, uma vez que muitos jornalistas e críticos menosprezavam seu trabalho e davam muita atenção à sua idade.

Nesse tempo, ela ainda precisava finalizar o inventário do qual estava encarregada e conquistar sua independência financeira. Foi então que passou a fabricar e vender doces, que eram de frutas típicas goianas. Todavia, isso não a impediu de escrever seus contos e poemas. Foi uma das primeiras mulheres a comercializar seus doces e, com isso, deu exemplo a outras mulheres que não sabiam como ganhar o próprio dinheiro. Nessa época, a Cidade de Goiás já recebia um fluxo de turistas significativo, e a casa de Cora Coralina, poetisa e doceira, já era um ponto do roteiro turístico. Ela não só vendia seus doces, mas também contava histórias. E como doceira foi conhecida por políticos, intelectuais e escritores brasileiros. Com o dinheiro da venda dos doces, Cora conseguiu comprar a parte dos demais herdeiros e adquirir a Casa da Ponte da Lapa (Britto & Seda, 2011).

Em 1973, Cora escorregou na escada da cozinha de sua casa e fraturou o fêmur direito pela primeira vez, vindo a quebrar a mesma perna posteriormente. Para se recuperar, passou um bom tempo em Goiânia, na casa de um sobrinho, quando escreveu muitos dos poemas que formariam dois novos livros: *Meu Livro de Cordel* e a segunda parte de *Poemas dos Becos de*

Goiás. Segundo Britto e Seda (2011), nesses livros Cora efetuou um “canto solidário com os excluídos da história, da poesia, da vida” (p. 325).

A partir da década de 1970, Cora passou a ser requisitada para eventos em sua cidade e em Goiânia. E em 1975, dez anos após sua primeira publicação, seu segundo livro (*Meu Livro de Cordel*) foi lançado. Também nos anos 1970, Cora começou a receber algumas, do que viriam a ser várias, homenagens, de diferentes lugares. Sua escrita e suas palavras modernas e críticas em relação ao contexto social que vivia marcavam profundamente as pessoas, despertando admiração, sobretudo dos jovens. Além deles, Cora dedicava especial atenção às crianças, e escreveu duas histórias infantis: *A moeda de ouro que o pato engoliu* e *Os meninos verdes*.

Na velhice, continuou sendo exemplo de fraternidade, tanto no sentido religioso quanto social. Nessa perspectiva, insistiu na comemoração do Dia do Vizinho; Cora via a importância daqueles que estavam próximos dela, fosse para socorrer ou festejar. A Cidade de Goiás comemora até hoje o Dia do Vizinho, estabelecido em 20 de agosto - data de nascimento de Cora (Britto & Seda, 2011).

No que concerne às suas várias contribuições à sociedade, vamos aqui mencionar algumas de suas premiações. Em 1981, ganhou o recém-criado Troféu Jaburu, dado pelo Conselho Cultural da Cidade de Goiás. Nessa época, Cora já havia se tornado um nome conhecido nacionalmente, mas continuou morando na Casa Velha da Ponte, enquanto elaborava o último livro que publicaria em vida: *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha* e também seu livro *Estórias da Casa Velha da Ponte*. No primeiro, a figura de Aninha ganha centralidade: “A menina feia da Ponte da Lapa, apresentada pela primeira vez no antológico “Minha Cidade”, brincou de esconder e revelar verdades e mentiras, sob o olhar atento da experiente Cora Coralina” (p. 394).

Em 1983, recebeu o título de Dra. *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Goiás, sendo reconhecida por seus ensinamentos e méritos no campo da literatura. No mesmo ano, foi a primeira mulher a vencer a disputa pelo Prêmio Juca Pato, com seu livro *Vintém de Cobre*. E quanto mais Cora Coralina ficava conhecida e famosa, mais era convidada para homenagens e palestras. Mesmo com sua saúde abalada, Cora comparecia.

Figura forte, humana, exemplo de solidariedade e persistência, Cora faleceu em 1985 em decorrência de uma pneumonia. Para finalizar este breve esboço de sua vida e obra, fechamos este capítulo com uma frase proferida por Cora durante entrevista ao Programa Frente a Frente

(1984), e que também escrevia quando autografava seus livros: “A vida é boa e nós todos podemos fazê-la sempre melhor. E o melhor da vida é o trabalho”.

3 SABEDORIA DE VIDA E ANÁLISE EXISTENCIAL NA POESIA DE CORA CORALINA

Conhecendo um pouco sobre a vida e a obra de Cora Coralina e tendo visitado compreensões heideggerianas sobre o que é existir, seguimos à análise dos cinco poemas:

Aninha e suas pedras

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
um poema.

E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

Podemos dizer que este poema começa com um conselho: Não te deixes destruir. O imperativo negativo, contudo, não parece expressar uma proibição, mas um chamado. As reticências ao final da frase, por sua vez, podem ser interpretadas como uma abertura. Cora Coralina escreve “Não te deixes destruir...”, mas não finaliza a sentença com um ponto final. Isso inclusive pode levantar dúvidas quanto às próximas colocações: “Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas”. O conselho da poetisa seria não nos deixarmos destruir ao ajuntarmos novas pedras e construindo novos poemas? Ou, pelo contrário, ajuntando novas pedras e construindo novos poemas podemos, assim, não nos deixarmos destruir? De todo modo,

pedras e poemas já se mostram importantes metáforas para a compreensão do sentido que pode ser desvelado a partir do poema como um todo.

Este primeiro verso aponta para um risco que corremos: podemos chegar à destruição. Dasein terá um fim, que pode ser a qualquer momento. A existência é frágil e está sujeita a acontecimentos de todo tipo, cotidianos ou inesperados, rápidos ou demorados (Pompeia & Sapienza, 2011a). No entanto, Cora Coralina parece se referir a situações que, por si só, não têm poder para findar a vida. Afinal, ela diz não *te deixes* destruir. A partir disso, podemos inferir que, para ela, o modo como os acontecimentos vão nos marcar também depende de nós. Isso está em consonância com a compreensão da análise existencial, para a qual a existência é abertura, em que os fenômenos aparecem e dasein reage a eles de diferentes formas. Como os fenômenos serão sentidos, percebidos, acomodados no fio da existência, quais serão suas tonalidades, constitui-se em diferentes possibilidades (Sapienza, 2020).

Nesse viés de abertura, Cora Coralina segue: “Recria tua vida, sempre, sempre”. O advérbio de tempo repetido pode ser lido como indício de que recriar a vida não é algo restrito a momentos em que eventos inesperados e indesejados chegam; em que estamos muito restritos em algum âmbito, seja no aspecto de saúde ou de dinheiro por exemplo; isto é, usando as palavras da poetisa, em que temos muitas pedras. Recriar a vida pode ser sempre, sem precisar de um motivo, de uma causa, de um acontecimento negativo. Todavia, parece ainda mais necessário e propício quando a vida está encolhendo, está limitada, está doída; quando o caminho está cheio de pedras.

Nesse sentido, cabe refletir conforme Pompeia e Sapienza (2011b) no que tange à modificação da vida quando nossos sonhos são abalados. Os autores evidenciam como nossos sonhos podem se constituir em sentidos que temos para nossas vidas, ou seja, o ‘para quê’ de nossas existências. Mesmo que esse poema não apresente um sonho específico, nem perpassa essa temática diretamente, é válido nos determos na compreensão dos autores sobre as possíveis atitudes que podemos ter diante da destruição de um sonho. Situações que podem se assemelhar a momentos difíceis da vida, ainda que não sejam decorrentes da destruição, da interrupção ou do fim de um sonho. Isto é, também momentos em que a vida está doída e restrita. Em tais circunstâncias, os autores descrevem três atitudes: uma comparada a um carregador de cadáver, uma de abandono e uma de teimosia.

Na primeira, as pessoas vivem carregando o sonho morto, vivendo um sentimento de injustiça e de revolta. Algo foi tirado delas e o que predomina é o ressentimento. Já no segundo

tipo, as pessoas deixam de sonhar, considerando que é bobagem sonhar novamente; têm medo de se iludir de novo. Ultrapassam a revolta, aceitando que o sonho morreu, mas se tornam conformistas e indiferentes. “Não se trata, nesses casos, daquela aceitação sábia que acolhe o dar-se dos acontecimentos da vida, mas de uma subordinação passiva diante das circunstâncias” (pgs. 98-99). Por fim, o terceiro tipo se refere às pessoas insistentes e teimosas, que não desistem de procurar um sentido para a vida: elas enterram seus sonhos . E como e porquê enterrar os sonhos contribui para buscar um novo sentido para vida - o que podemos equiparar a recriar a vida - será explicado logo adiante.

Em seguida, vem o verso: “Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça”. Pedras são minerais sólidos, duros, são coisas pesadas, para se empurrar e se carregar. Também podem ser associadas à seca, à falta de vegetação e de conforto. Ademais, pedras também podem ser símbolos de castigo, de agressão, sendo o apedrejamento uma das punições mais antigas. Entretanto, também podem nos remeter à fortaleza, a algo difícil de ser abalado. Roseiras, por outro lado, são plantas com flores bonitas e delicadas, associadas à beleza e ao romantismo. Podem ser usadas para presentear e enfeitar, embora tenham espinhos. Assim, Cora Coralina propõe remover pedras e plantar roseiras. É importante ressaltar que as pedras, que aqui podemos entender como problemas e dificuldades, não são, no poema, empurradas para uma aniquilação: não precisamos eliminar as pedras, apenas removê-las. Desse modo, podemos considerar que o sentido dessas palavras seja de que o sofrimento não deixa de existir: não nos cabe destruí-lo, mas lidar com ele.

O fato da autora pontuar um plantio também merece atenção: plantar é algo que requer tempo, não acontece da noite para o dia. Não obstante, plantar envolve morte e sonho: enterra-se a semente, findando o seu ser enquanto semente, para que um dia ela nasça como planta, flor, fruto, transformando-se, dando lugar a algo novo. Nessa perspectiva, podemos compreender o paralelo entre o ato de plantar, que envolve enterrar algo, e o ato de sonhar descrito por Pompeia e Sapienza (2011b). Conforme dito anteriormente, algumas pessoas, diante de uma perda, conseguem enterrar seu sonho morto. Coberto por terra, guarda a mesma força que sustentava o sonho que morreu, e, como semente, pode germinar e sustentar o novo. Podemos dizer que a postura que Cora Coralina demonstra neste poema é alinhada com a terceira atitude possível, que aceita e acolhe o dar-se dos acontecimentos da vida.

Neste ponto é importante fazer uma ressalva: não se trata de uma defesa de que todo sofrimento deva ser superado e sirva como experiência de vida. Afinal, não ignoramos que existem sofrimentos de diferentes intensidades e magnitudes. E se a ‘pedra’ no caminho de uma pessoa for um abuso sexual sofrido na infância, ou um acidente trágico que lhe tirou capacidades e habilidades do seu corpo? E se o sofrimento for a perda de alguém muito querido ou a deflagração de uma guerra? Tais especulações, no entanto, não devem conduzir a discussão, pois não há, aqui, um medidor para sofrimento existencial. Não se trata de catalogar quais podem e devem ser superados e bem costurados na história de vida. O que se pretende apontar é a possibilidade, desvelada neste poema de Cora Coralina, de seguir em frente, de aceitar e acolher o que se realizou, sem desconsiderar seus impactos, e ir além.

Voltando ao poema, depois das roseiras, vêm os doces: alimentos açucarados, saborosos ao paladar, comuns em festas e comemorações. A respeito deles, devemos lembrar que Cora Coralina construiu seu nome enquanto grande doceira: ao voltar para sua terra natal, passou a fazer e vender doces, e com o dinheiro da venda deles, comprou a Casa Velha da Ponte, que estava em processo de inventário entre sua família (Britto & Seda, 2011). Ficando conhecida na região, era procurada pelos turistas que compravam seus doces. Nessas ocasiões, Cora aproveitava para lhes oferecer sua poesia. Assim, de um novo ofício desempenhado, aprendido com suas tias, surge um modo de ser no mundo: ser doceira, que não impede, pelo contrário - parece propiciar -, seu ser poetisa. Ao começar a preparar doces e aprimorá-los com o passar do tempo, Cora ocupa seu tempo, produz seu sustento, relaciona-se com compradores e turistas e, para eles, aparece também como poeta.

À frente, Cora Coralina parece nos encorajar: “Faz de tua vida mesquinha um poema. E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir”. O adjetivo “mesquinho” remete à avareza, ao apego ao dinheiro e bens materiais, e também pode ser usado para fazer menção a algo pequeno, de pouco valor, ordinário. Tendo em vista essas duas possibilidades de sentido da palavra, podemos pensar em dois caminhos de análise dos versos seguintes. No primeiro, consideramos o significado de avareza para a mesquinhez. Ao nos dizer para fazer da vida mesquinha um poema, Cora diz que, com isso, poderemos viver no coração dos jovens, ou seja, aqueles que viverão para além de nós. Não apenas no coração dos jovens, mas também na memória daqueles que ainda não nasceram. Podemos deduzir, assim, um desejo, um olhar voltado para a possibilidade de ser lembrado, de ser alguém de quem não se esquece.

Podemos especular, a partir disso, se sua escrita não seria um modo de lidar com a finitude, no intuito de transcendê-la. O poema *Meu Epitáfio* (*Meu livro de cordel*, 1976) corrobora essa interpretação:

Morta... serei árvore,
serei tronco, serei fronde
e minhas raízes
enlaçadas às pedras de meu berço
são as cordas que brotam de uma lira.

Enfeitei de folhas verdes
a pedra de meu túmulo
num simbolismo
de vida vegetal.

Não morre aquele
que deixou na terra
a melodia de seu cântico
na música de seus versos.

O caminho anteriormente mencionado para ser lembrado é curioso: não é o modo mesquinho de ser, e também não é a afirmação da abnegação. É fazer da vida um poema. “A poesia dá ao autor a chance de ler e reconhecer o seu ser, tornando-o cada vez mais íntimo e distinto dos entes no mundo” (Prado, 2021, p. 52). Além de ser um caminho para o reconhecimento de si, também podemos dizer que a escrita de poemas é uma maneira de relatar e transformar acontecimentos da vida. Os fatos narrados podem ser os mesmos dos fatos acontecidos, mas, pela poesia, é possível significá-los e vivê-los de uma outra forma, seja na esfera do que poderia ter sido diferente, ou uma lição de vida que é passada aos outros, considerando o que aconteceu, o que é hoje, o que poderia ter acontecido e o que ainda pode acontecer. Lembremos que fazer história é a essência do cuidado:

A humanitas do homem consiste nisso: tecer, fazer história, reunindo tudo aquilo que, sem história, se mostraria apenas como fatos fragmentados, estilhaçados. Essa tarefa de

fazer história pertence ao homem porque corresponde à sua essência, que é o cuidado - de si, dos outros homens, do mundo, cuidado que junta futuro, passado e presente, que faz história (Pompeia & Sapienza, 2011b, p. 108-109).

Nessa perspectiva, podemos tecer comentários sobre o nome do poema: “Aninha e suas pedras”. Vale lembrar que Cora Coralina foi o pseudônimo adotado por Anna Brêtas para suas publicações. No entanto, a voz que ecoa em vários de seus poemas é de Aninha: a menina feia e frágil da Casa Velha da Ponte, que viveu e conviveu com as coisas e as pessoas que formavam seu mundo na infância. E que, tanto durante a infância quanto ao longo da vida, encontrou e removeu pedras. A casa era a mesma, as lembranças também podiam ser, as dificuldades enfrentadas não desapareceram com o tempo. Porém o modo como isso tudo é revivido e escrito pode sempre mudar, e um outro sentido pode ser desvelado em diferentes épocas.

Escrever poemas, ademais, é uma maneira de se tornar conhecida e lembrada, tal qual Cora Coralina foi e ainda é. Ela não é lembrada por ser uma pessoa rica de muitas posses, mas como, principalmente, poetisa, doceira, caridosa, jornalista e sitiante. Dessa maneira, podemos pensar também no outro significado de mesquinho: ordinário. A partir dos versos, podemos inferir que uma vida ordinária, aquela comum e cotidiana - sem fama, sem posses, sem riquezas -, também pode fazer poemas. O que não quer dizer que consideramos a vida de Cora Coralina unicamente ordinária, dado os feitos extraordinários que realizou.

O que se pretende elucidar é o acesso e o entendimento sobre o que é existir, que se faz em todos nós. E esse acesso e entendimento pode vir a ser sábio, como sábios podemos chamar os versos em que Cora escreve: “Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça”. Podemos ouvir, neles, a narrativa de quem enfrentou obstáculos e dificuldades, sofreu, entristeceu, perdeu, padeceu - como é próprio da existência. Mas parece ter costurado esses acontecimentos na trama de sua vida, recebendo o que veio sem se conformar com o indesejado, mas também sem tentar expulsá-lo. O saber sobre o que é existir também aparece em seu desejo de ser lembrada por gerações futuras: Cora, como todos nós, sabia que iria morrer, escrevendo sobre sua própria finitude no poema aqui analisado e também em *Meu Epitáfio*. A realização de sua possibilidade última, porém, ao estar em evidência para a autora, não é lamentada de maneira assustada, mas encarada por um modo de ser que busca sua superação e transcendência.

Dessa maneira, o compreender pré-ontológico, que acompanha todos nós, mas permanece despercebido - como um saber de pano de fundo (Holzhey-Kunz, 2018) -, está presente nesses

versos. Esse saber pode se tornar ameaçador quando toma o primeiro plano, quando fica em evidência, por exemplo, que podemos adoecer, romper vínculos significativos e morrer. No entanto, a compreensão de que isso é próprio da existência também pode estar sabiamente acomodado em certos momentos, em pensamentos, conversas ou escritos, como neste poema, que, em sua estrofe final, nos oferece sua sabedoria: “Esta fonte é para uso de todos os sedentos. Toma a tua parte. Vem a estas páginas e não entres seu uso aos que têm sede”.

Humildade

Senhor, fazei com que eu aceite
minha pobreza tal como sempre foi.

Que não sinta o que não tenho.
Não lamente o que podia ter
e se perdeu por caminhos errados
e nunca mais voltou.

Dai, Senhor, que minha humildade
seja como a chuva desejada
caindo mansa,
longa noite escura
numa terra sedenta
e num telhado velho.

Que eu possa agradecer a Vós,
minha cama estreita,
minhas coisinhas pobres,
minha casa de chão,
pedras e tábuas remontadas.

E ter sempre um feixe de lenha
debaixo do meu fogão de taipa,

e acender, eu mesma,
o fogo alegre da minha casa
na manhã de um novo dia que começa.

O poema *Humildade* parece uma oração. Cora Coralina o inicia dirigindo-se ao Senhor, como o Deus cristão é chamado. A autora era católica, devota de São Francisco de Assis, mas também teve influência do Espiritismo em sua vida (Britto e Seda, 2011). Neste poema, Cora escreve pedindo ao Senhor, que podemos inferir ser Deus, na corrente cristã. Ela faz pedidos em todas as estrofes, todos voltados à temática do poema, que podemos assumir ser a aceitação da vida como ela é. Mais ainda: o grande pedido que Cora escreve nesse poema-oração é o de saber viver a vida, de forma alegre e serena diante das dificuldades, em especial as materiais.

No primeiro verso, Cora pede, rezando, para aceitar sua pobreza como sempre foi. Considerando o poema como um todo; os elementos mais concretos que surgem posteriormente, como suas coisinhas pobres e sua casa de chão; e também sua devoção a São Francisco de Assis, que abandonou suas riquezas para ser protetor dos pobres e dos animais; podemos pensar que ela se refere à pobreza material e financeira. No entanto, no início do poema isso não é explícito, ainda mais ao se considerar a segunda estrofe: “Que eu não sinta o que não tenho. Não lamente o que podia ter e se perdeu por caminhos errados e nunca mais voltou”. Bens materiais, dinheiro, condições financeiras abastadas podem entrar nessa descrição do vai e vem da vida, podem ser o que ela pode vir a sentir sem ter, e o que ela poderia ter tido, mas se perdeu e nunca mais voltou. Ademais, parecem ser aquilo a que a autora se refere.

Contudo, essa pobreza também pode ser de outras coisas. Amizades, felicidade, amor romântico, fama, saúde e reconhecimento... Tudo isso pode ser sentido mesmo quando não se tem ou já não se tem mais, pode ser lamentado quando é perdido ou mesmo nunca veio. Nessa perspectiva, podemos atribuir, também, os sentidos de falta, de indignância, de dependência e coexistência que nos marcam. Afinal, o ser-aí não pode realizar todas as suas possibilidades, algo sempre lhe falta (Boss, 1981).

Do mesmo modo, ele, sendo o corpo que é, conta com potências, mas também com indignâncias, com precariedades e limitações: o corpo adocece, o corpo terá um fim, o corpo pode se acidentar e perder funções e capacidades (Pompeia & Sapienza, 2011a). Não obstante, *dasein* é marcado fundamentalmente por ser-com: desde o princípio somos seres em relação, e nossa

existência precisa ser validada pelos outros (Groth, 2023). E o testemunho narrativo que construímos ao longo da vida não nos tem como únicos autores, mas é formado junto com aqueles com quem convivemos (Critelli, 2012). Dessa maneira, ser reconhecido ou esquecido, estar saudável ou doente, estar sozinho ou em companhia, estar solitário ou sentir-se amado são experiências que podem vir, permanecer, acabar, ou mesmo nunca chegar. Acreditamos que, a partir da segunda estrofe do poema, essas reflexões podem ser levantadas, também podendo vir a ser incluídas na oração de Cora Coralina, para além da pobreza em seu sentido mais comum.

Em seguida, Cora pede a Deus que permita que sua humildade “seja como a chuva desejada, caindo mansa, longa noite escura, numa terra sedenta e num telhado velho”. Humildade pode significar o estado de ausência de luxo e de riqueza, conseqüentemente fazendo menção a situações de simplicidade e/ou de pobreza. Humilde, por vezes, é um adjetivo usado para designar algo pobre, modesto. Entretanto, também pode se referir à consciência da própria fragilidade e precariedade

Na terceira estrofe, podemos interpretar os versos como um pedido da poetisa de que sua pobreza, sua simplicidade seja algo recebido por ela em uma postura humilde: a pobreza pode até mesmo ser desejada e pode ser acolhida como algo que é esperado há muito tempo, como uma chuva mansa, caindo na terra sedenta por ela. Cabe lembrar que a chuva, mesmo podendo ser prevista, não pode ser evitada, ela cai e não se pode evitar que ela caia. Então, podemos ler a postura da poetisa como aquela que aceita - ou, melhor, que reza pedindo ajuda para aceitar - sua pobreza como ela é. Mais ainda: a vida como é.

Todavia, isso não deve ser confundido como um conformismo diante da pobreza material que afeta tantos brasileiros, nem como uma concordância às injustiças e desigualdades. No Poema *Conclusões de Aninha* (*Vintém de cobre*, 1985), a última estrofe, Cora escreveu:

Da mesma forma aquela sentença:

“A quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar.”

Pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada,
o anzol, a chumbada, a isca, apontar um poço piscoso
e ensinar a paciência do pescador.

Você faria isso, Leitor?

Antes que tudo isso se fizesse

o desvalido não morreria de fome?

Conclusão:

Na prática, a teoria é outra.

Sendo assim, percebemos que o posicionamento da poetisa não parecia ser meritocrático nem conservador no que tange às lutas sociais. Além disso, Cora Coralina, como já mencionado no capítulo dois, iniciou e colaborou com diversos movimentos em prol dos que mais necessitavam. Ela é descrita como alguém que abraçou a pobreza. Em relato presente na biografia escrita por Britto e Seda (2011), conta-se que Cora, quando se juntou à Ordem Terceira de São Francisco em Penápolis, passou a recusar roupas que ganhava de presente, dando-as a outra pessoa e vestindo-as somente quando ficassem gastas. O desapego material, portanto, parece ter feito parte da obra e da vida da escritora.

Uma vez que não escolhemos a corporeidade que seremos, o momento em que nascemos, o mundo e a classe social a que vamos pertencer, todos são sujeitos a se depararem com condições de vida adversas. A facticidade da existência consiste nesse ser lançado no mundo sem garantias (Sapienza, 2020), nesse desamparo fundamental que caracteriza todo ser-aí por ter que existir sozinho e arcar com sua própria vida. Entretanto, como discute Mattar (2022), esse desamparo existencial não pode ser confundido com o desamparo social e político que é historicamente construído, e gera e mantém pobreza, injustiças e desigualdades sociais. Tendo isso em vista, podemos dizer que tanto o desamparo existencial quanto o desamparo social que permite a pobreza e a vulnerabilidade podem ser vistos nesse poema.

Diante deles, Cora pede a Deus que ela possa agradecer a Ele por seu mundo como ele é: sua casa, que é de chão, suas coisas, que são descritas como pequeninas e pobres, sua cama, que é estreita, não é descrita nem como grande nem como confortável. Embora não sejam descritos com adjetivos positivos, seus objetos continuam sendo motivo de gratidão e, podemos imaginar, que assim o são por constituírem seu mundo fático, sua casa, sua morada. Depois deles, Cora coloca seu pedido final: ter sempre lenha em seu fogão de taipa para acender, ela mesma, o fogo alegre de sua casa, a cada manhã de um novo dia que começa.

Nessa metáfora, podemos supor que a alegria em sua casa surge do seu viver cotidiano, do seu fazer. Inclusive, seu ofício de doceira. Ao trabalhar para ganhar a vida vendendo doces, Cora ocupava sua cozinha, seu fogão, que, mesmo pobres, lhe permitiam estender a vida para além de

sua pobreza material. E, também, para além do desamparo e da solidão existencial que nos marca. Sendo assim, contemplamos, neste poema, um modo de ser que se sente alegre pelo que, gratuitamente, recebe da vida, como descrito por Bilê Sapienza (2020). Segundo a autora, dada a imprevisibilidade e a falta de controle que temos diante dos acontecimentos, diversos modos de lidar com a falta de garantias podem aparecer; como um sentimento de desproteção e desabrigo, ou uma indiferença e um descompromisso. Diferentemente desses, há um outro modo de lidar com a falta de controle: “um sentimento de humildade diante do imponderável, que não o desobriga de fazer a sua parte, e que o faz sentir-se alegre pelo tanto que, gratuitamente, tem recebido” (p. 47).

A Procura

Andei pelos caminhos da Vida.
 Caminhei pelas ruas do Destino –
 procurando meu signo.
 Bati na porta da Fortuna,
 mandou dizer que não estava.
 Bati na porta da Fama,
 falou que não podia atender.
 Procurei a casa da Felicidade,
 a vizinha da frente me informou
 que ela tinha se mudado
 sem deixar novo endereço.
 Procurei a morada da Fortaleza.
 Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
 perfumou-me os cabelos,
 fez-me beber de seu vinho.
 Acertei o meu caminho.

Até então, este é o poema analisado que mais contém metáforas. Como o título nos conta, o eu lírico do poema sai à procura, talvez, de um sentido de vida. Entre os possíveis sentidos, a autora cita quatro direções: fortuna, fama, felicidade e, por fim, fortaleza. No início do poema,

Cora Coralina expressa que andou pelos caminhos da Vida e caminhou pelas ruas do Destino. Ambos os substantivos são grafados com letras maiúsculas, o que nos faz inferir que não representam, no texto, a vida e o destino gerais, de qualquer um. Por outro lado, podem se referir à vida e ao destino do eu lírico, ou mesmo ser interpretados como o lugar em que a existência se dá; o aí do ser.

Ademais, a palavra destino foi escolhida pela autora, e parece ser concebida como é entendida de forma recorrente: o que está traçado, determinado, tal qual nos mitos gregos. O destino estava lá (a fortaleza), e foi encontrado. No entanto, se considerarmos que é preciso uma caminhada para vislumbrar o sentido da vida, e que ele pode mudar - entre fortuna, fama, felicidade e fortaleza por exemplo -, podemos dizer que o texto comunga, em partes, com a perspectiva existencial de que o sentido da vida não é pré-determinado, nem imutável, mas se constrói ao longo do tempo. Conforme discute Giovanetti (2021, p. 27), “o sentido da vida é uma questão estrutural do ser humano. Cada um de nós é chamado a dar um rumo à vida”. E isso pode ser percebido neste poema.

Primeiro, Cora menciona a fortuna. O bater na porta da fortuna pode ser interpretado como procurar riquezas, abundância, uma boa vida material. Buscar dinheiro e os confortos e poderes que podem vir dele. Ainda que o texto tenha sido escrito no século passado, permanece atual. Ao refletirmos sobre a contemporaneidade ocidental, estruturada no sistema capitalista, podemos dizer que essa é a primeira coisa a ser buscada pelas pessoas. Conforme os estudos de Byung-Chul Han (2017), a sociedade atual é a sociedade do desempenho e do cansaço, na medida em que se tenta evitar qualquer forma de negatividade. O discurso predominante é de um positividade tóxica, em que nada falta, nada provoca diferenças, estimulando uma cultura em que cada um é empresário de si mesmo e pode e deve se autoexplorar para alcançar fortuna, fama e sucesso. Nessa esteira, cada um se esgota e fica cansado individualmente, isoladamente, o que caracteriza modos de ser contemporâneos.

O modo como, no poema, a figura da fortuna reage ao chamado do eu lírico parece muito condizente com tais modos de ser: recusar contato, estar disponível, mas não querer atender. Como a riqueza não foi o caminho em que ela ficou, tentou ser recebida pela fama, que, de um modo parecido com a fortuna, também não estava aberta. A porta da felicidade, por sua vez, não estava dada de imediato: precisou ser procurada.

Quando encontrada, porém, havia se mudado sem deixar novo endereço. Podemos compreender essa metáfora com base no entendimento de que felicidade não é eterna, e muda de lugar. Mais ainda: não sabemos onde vamos encontrá-la; não há um roteiro nem receita, embora na era da técnica (Critelli, 2016) haja tantos recursos para proporcionar felicidade. Nessa era em que se pretende mensurar e controlar tudo, o sofrimento existencial, por mais leve e passageiro que possa ser, encontra medicações e treinamentos para ser extinto e, assim, se poder repousar novamente numa suposta residência da felicidade. E não nos caminhos da vida, nas ruas do destino, que podem ser mais sensíveis à nossa condição humana, que também conta com precariedade, limitações e sofrimento.

Em contrapartida às portas, à casa e à morada, as ruas e os caminhos podem ser entendidos como reflexões sobre a condição humana e também sobre o sentido da existência. Observando o movimento do eu lírico, indo de um lugar a outro procurando seu signo, podemos interpretar esse poema como o buscar e o corresponder ao chamado da existência. Conforme Heidegger expôs em *Ser e Tempo* (2005), há dois modos em que o *dasein* pode se encontrar: o impróprio e o próprio. A impropriedade consiste no ser como todo mundo é, no fazer como todo mundo faz, são as prescrições e costumes que organizam e tornam possível a vida diária. Nela, a questão da existência não é colocada ou questionada. Já o modo próprio de ser consiste na autenticidade e liberdade que *dasein* encontra para ser propriamente si mesmo. E a caminhada do eu lírico por possíveis dotações de sentido da vida pode ser entendida como o procurar e corresponder ao seu chamado: sendo quem é, com a história que é, o que é pedido ao eu lírico? É pedido que ele seja forte.

Encontra o sentido de sua existência na morada da fortaleza, que o recebe, o alimenta e lhe dá roupas. Podemos dizer que o eu lírico deste poema reflete o homem como é compreendido pela análise existencial:

Desabrigado, devedor, finito, angustiado, vivendo na falta, decaído na impropriedade e, contudo, podendo responder ao chamado para ser mais propriamente si-mesmo e corresponder à sua destinação existencial, fazendo planos, alimentando sonhos, querendo ser feliz. Assim é o *Dasein* em sua indigência e potência de ser (Sapienza, 2020, p. 42).

Das Pedras

Ajuntei todas as pedras

Que vieram sobre mim
Levantei uma escada muito alta
E no alto subi
Teci um tapete floreado
E no sonho me perdi
Uma estrada,
Um leito,
Uma casa,
Um companheiro,
Tudo de pedra
Entre pedras
Cresceu a minha poesia
Minha vida...
Quebrando pedras
E plantando flores
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude dos meus versos.

Como já colocado na análise do primeiro poema, a palavra ‘pedras’, bastante presente na obra de Cora Coralina (Britto & Seda, 2011), pode ser interpretada como dificuldades, desafios, obstáculos e frustrações. Trazidos pela vida, são descritos pela autora como algo que veio sobre ela, sem avisos ou cuidados, tal qual o ser-aí é lançado no mundo, sem consulta prévia nem garantias de qualquer espécie (Sapienza, 2020). Numa situação em que poderia ter sido esmagada e silenciada pelas pedras que vieram, Cora buscou meios de não permanecer no mesmo lugar.

Ajuntou as pedras e delas fez uma escada, que subiu, distanciando-se do que lhe aconteceu de mal. Sem ser o objetivo descobrir de quais infortúnios lhe atingiram, vale a pena relembrar tribulações que Cora viveu: a solidão na infância, sendo chamada de menina fraca, inzoneira e feia; as reprovações familiares acerca de sua escrita e as profecias de que jamais se casaria; depois, discussões com o marido (Tahan, 2002); a morte dele, que a deixou sozinha para criar os filhos, tempos em que enfrentou a pobreza e precisou lutar para cuidar de si e da família;

e ainda a dificuldade e o preconceito que encontrou para publicar seus livros (Britto & Seda, 2011).

Considerando o contexto da vida da autora, podemos olhar para este poema e inferir que, diante de lutas, tristezas e dificuldades, Cora fez de sua vida algo além daquilo que a realidade impunha. Em meio a pedras caídas sobre si, construiu uma escada e teceu um tapete, e no sonho se perdeu. O que ela encontrava na vida - a estrada que a levou para um vida em outro Estado, a casa que teve, o companheiro com quem dividiu o lar e teve seus filhos - era de pedra. Era marcado pela dureza, pela aspereza, pela secura e, também podemos inferir, pela resistência. E entre tais pedras, nasceu e cresceu sua poesia. Neste poema, sua poesia e sua vida quase chegam a se tornar uma coisa só. Entre as pedras cresceu sua poesia, e sua vida é descrita como aquela que quebrou pedras e plantou flores.

Em meio a ambientes um tanto inóspitos, podemos dizer, afinal, eram todos de pedras, Cora Coralina poderia ter se fechado para novos sonhos, poderia ter se deprimido, ou ficado tão sensível à falta de controle que temos sobre a vida que poderia ter deixado escrever e de tentar publicar, por exemplo. Poderia também ter ficado muito aflita diante da falta de garantias e de segurança que temos enquanto seres no mundo, e ter passado a vida preocupada com as pedras que vieram e que ainda poderiam vir. No entanto, ela usa a metáfora do tapete floreado, que podemos interpretar como algo que daria mais conforto e beleza em meio às pedras, e se permite perder-se no sonho.

Cabe ressaltar que ela mesma tece esse tapete floreado, dando mais aconchego e cor à sua vida. Ademais, volta-se para o sonho, sem especificar qual e como seria. Disso, podemos depreender que perder-se no sonho seria o enxergar a realidade, aquilo que é, com aquilo que não foi e poderia ter sido, e também com o que ainda poderia ser (Sapienza & Pompeia, 2011b). Isso colore a realidade para além daquilo que se apresenta de imediato no presente. Assim, em meio às pedras que esmagaram-na, Cora levanta a pedra rude de seus versos.

Ofertas de Aninha (Aos moços)

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,

recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos
Ser otimista.

Creio numa força imanente
que vai ligando a família humana
numa corrente luminosa
de fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
e angústias do presente.

Acredito nos moços.
Exalto sua confiança,
generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
e na descoberta de uma profilaxia
futura dos erros e violências
do presente.

Apreendi que mais vale lutar
do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar.

Para finalizar esta análise, escolhemos um poema em que Cora Coralina expressa o que aprendeu com o tempo, bem como sua fé nas coisas que estão por vir. Este poema pode ser considerado uma mensagem de otimismo - a que sempre era passada por Cora. A poetisa goiana se define como uma mulher a quem o tempo muito ensinou, e tais ensinamentos parecem

transbordar uma grande confiança na vida. Afinal, é necessário confiar para amar a vida, para não desistir da luta e para recomeçar na derrota.

No que tange à confiança que podemos ter na vida, vale a pena citar as discussões tecidas por Bilê Sapienza (2020) em seu livro *Do desabrigo à Confiança*. A obra narra a terapia de uma jovem que se envolveu em um acidente trágico e ficou com seu rosto desfigurado. Tendo como referencial a Daseinsanálise, a história evidencia o desabrigo em que a jovem se encontrava antes do processo terapêutico e a confiança que pôde ser construída ao longo dele. Confiança não na terapia nem na terapeuta, mas, principalmente, na vida. Em contraponto ao desabrigo, à situação fundamental em que todos nos encontramos por sermos jogados no mundo, a capacidade de fiar o que nos é entregue pela vida é a confiança necessária para ir além. Para amar a vida, apesar de tudo, para não desistir e para recomeçar na derrota. Nessa esteira, podemos inferir que também podem desabrochar a crença nos valores humanos e o otimismo.

A renúncia a palavras e pensamentos negativos, por sua vez, pode ser analisada sob um outro aspecto. Embora não saibamos a quais palavras e pensamentos negativos ela se refere, podemos especular, considerando o poema como um todo, se eles se constituíam em temores e desânimo diante dos obstáculos encontrados nas lutas de Cora Coralina. Inseguranças, medos, limitações físicas e sociais, cansaço, medo do julgamento alheio por exemplo. Nesse sentido, podemos questionar se, para Cora, o saber sobre seu próprio ser - que era sozinho e por si só no mundo, que não tinha garantias de que suas lutas seriam vencidas, que era um corpo frágil que podia adoecer, se cansar e morrer, e que não podia controlar como seria visto e avaliado pelos outros - permanecia bem limitado, como um mero pano de fundo. E que, quando ultrapassava sua barreira, não era sentido como tão ameaçador, tendo a poetisa uma boa relação com este saber que nos acompanha.

Como descreve Alice Holzhey-Kunz (2018), esse saber geralmente permanece oculto, filtrado, mas em experiências ontológicas podem tomar o primeiro plano, como em uma dor de barriga que, ao invés de ser entendida como um acometimento passageiro, desencadeia um desespero, por evidenciar, ainda que de maneira velada, que somos um corpo finito que, em algum momento, acabará. Tais experiências acometem as pessoas de diferentes maneiras, e algumas podem ter que Holzhey-Kunz chama de escuta aguçada para este saber ontológico. Assim, no caso dos transtornos mentais, por exemplo, os pacientes são compreendidos como

filósofos contra a própria vontade, na medida em que não querem, mas não conseguem deixar de perceber, ouvir e ver mais atentamente o saber sobre nossa condição humana.

No caso de Cora Coralina, no entanto, sua escrita sobre sua sabedoria de vida evidencia uma boa relação com o inesperado e a precariedade. A renúncia a palavras e pensamentos negativos pode sugerir que, mesmo quando os perigos da existência se destacavam, a poetisa conseguia driblá-los, podia enxergar a imaginar para além deles, contra eles apostar. E parece ser nessa perspectiva em que ela afirmava que mais vale acreditar, do que duvidar. Ainda, Cora não desconsiderava os erros e as angústias, mas voltava seu olhar para a superação deles.

Por fim, um último aspecto que gostaríamos de discutir diz respeito à crença e exaltação que Cora nutria pelos jovens, mencionada neste poema. Diante disso, podemos perceber a postura da poetisa como alguém que não se vê como detentora de uma sabedoria imóvel ou inalcançável, mas que a oferecia aos moços numa via de mão dupla. Afinal, podemos supor que acreditar na juventude, exaltar sua confiança, generosidade e idealismo seja uma forma de reconhecer o valor e a sabedoria que carregam. Dessa maneira, podemos nos apoiar nas discussões de Pompeia e Sapienza (2004b) sobre maturidade.

Muitas vezes, ser maduro é uma característica atribuída aos mais velhos, algo que se adquire com a idade. Contudo, maturidade pode ser compreendida não apenas em seu sentido temporal - quando -, mas no seu modo - como. Entre as características descritas pelos autores, encontram-se a disponibilidade para compartilhar, para receber, para não querer sempre chamar atenção e para não ser sempre o doador. O ser maduro é descrito como a capacidade de acolher o que nos é dado, respondendo a uma solicitação do mundo. Além de ofertar sua sabedoria de vida aos jovens, Cora deposita sua crença neles, o que nos permite inferir que também espera algo deles, espera receber algo deles, e não apenas oferecer.

Portanto, a sabedoria de vida, neste trabalho procurada e discutida, não se limita a faixas etárias de alguém que muito viveu. Mas, sobretudo, pode ser vista nos versos de quem também muito viveu, mas não só isso: aceitou suas fragilidades, faltas e renúncias, tendo suas mãos

Jamais ociosas.

Fecundas. Imensas e ocupadas.

Mãos laboriosas.

Abertas sempre para dar,

ajudar, unir e abençoar.

(Poema *Estas mãos*, do livro *meu livro de cordel*, 1976)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Saber viver é a grande sabedoria”, disse Cora Coralina. Neste trabalho, tivemos o objetivo de pesquisar, identificar e analisar essa sabedoria de vida na obra da escritora, tendo como fundamento teórico a análise existencial. Mais especificamente, a compreensão da existência e seu sofrimento a partir do pensamento de Martin Heidegger, em que a Daseinsanálise se apoia. Esboçando uma compreensão do existir estruturada nesse referencial e apresentando um pouco da vida e da obra da poetisa, discutimos possíveis desvelamentos de sentido contidos em seus versos.

Depois desse trajeto, consideramos que a poesia analisada expressa e transmite sabedoria de vida, entendida aqui como um saber sobre a própria experiência. Saber que contribui para superar obstáculos e dificuldades, proporcionando modos-de-ser-no-mundo e de ser-com mais livres. Ademais, que ressignifica a lida com o sofrimento e possibilita a apropriação de si e de sua história.

Como limitações desta pesquisa, destacamos que o escopo de uma monografia não exige revisão de toda a literatura sobre o assunto, de modo que construímos o trabalho a partir do entrelaçamento do pensamento daseinsanalítico com a poesia coralineana, sem apresentarmos outras concepções sobre o que é sabedoria de vida e suas possíveis correlações com a análise existencial. Além disso, o escopo deste trabalho conta apenas com a análise de cinco poemas, número ínfimo em relação à toda a produção literária de Cora Coralina.

Apesar das restrições, esta pesquisa tem contribuições para o fazer clínico de psicólogos que atuam segundo abordagens fenomenológicas. Primeiro por evidenciar o entendimento sobre o que é existir que acompanha a todos e que, nos poemas aqui analisados, favorece o surgimento e a experimentação de novos modos-de-ser no cotidiano da vida, o que pode ser observado e legitimado em processos terapêuticos. Segundo por apresentar a poesia de Cora Coralina como fonte de compreensão de nossa condição como ser-aí. Afinal, a literatura é também importante meio de se estudar e compreender a existência. Não está em questão aqui uma desvalorização do saber acadêmico e o trabalho da psicologia, que é necessário e importante. A vida, como a de Cora Coralina, para além da escola, da universidade e da psicoeducação, também nos ensina e nos dá sabedoria. A fonte do conhecimento psicológico fenomenológico-existencial e da poesia é uma e mesma: a existência.

Por fim, consideramos as contribuições sociais deste trabalho: a legitimação e valorização de outros modos de acesso à experiência, de saber sobre a experiência e seu sofrimento, bem como a capacidade de superá-los. Porque “o saber se aprende com os mestres e os livros. A sabedoria, com a vida e com os humildes”⁶

⁶ Frase atribuída à Cora Coralina. Na entrevista ao Programa Frente à Frente (1984), Cora diz: “Saber é uma coisa, sabedoria é outra. A sabedoria está na vida e o saber está com os mestres e nos livros. E muita gente que não teve nem mestre nem livro, tem a sabedoria da escola da vida”.

REFERÊNCIAS

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação: ensaios de psicanálise existencial**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

BRITTO, C. C.; SEDA, R. E. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. 3. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2011.

COLPO, M. O. **Pesquisa fenomenológica e hermenêutica: cinema, arte e literatura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.

CORALINA, C. Rara entrevista com Cora Coralina. **Facebook**. 2019. Disponível em < <https://www.facebook.com/LetrasInverso/videos/rara-entrevista-com-cora-coralina/433146357295798/> > Acesso em 7 mar. 2025.

CORALINA, C. Cora Coralina - Entrevista COMPLETA no Programa Vox Populi (TV Cultura - 1983). **YouTube**. 2022. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=gWi_uzkHn9o > Acesso em 7 mar. 2025.

CORALINA, C. **Meu livro de cordel**. 1. ed. Goiânia: Livraria e Editora Cultura Goiana, 1976.

_____, C. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 9. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1985.

_____, C. **Vintém de cobre**. 3. ed. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1985.

CRITELLI, D. M. **História pessoal e sentido da vida: historiobiografia**. São Paulo: EDUC–Editora PUC-SP, 2012.

_____, D. A técnica no pensamento de Martin Heidegger. **PoliÉtica. Revista de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 25-35, 2016. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/PoliEtica/article/view/31420> > Acesso em 1 mai. 2025.

FEIJOO, A. M. L. C. **A existência para além do sujeito**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições IFEN: Via Verita, 2011.

GIOVANETTI, J. P. A questão do sentido da vida em tempos difíceis. In: CARDOSO, C. L.; GIOVANETTI, J. P.; EVANGELISTA, P. E. R. A. (Orgs.). **Cuidado em Tempos de Distanciamento Social**. Belo Horizonte: Artesã, 2021. p. 13-46.

GROTH, M. **Por que não, afinal?** Uma introdução à Daseinsanalyse. 1. ed. Belo Horizonte: Artesã, 2023.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

HOLZHEY-KUNZ, A. **Daseinsanálise**: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

MATTAR, C. M. Desamparo Ontológico e Desamparo ético-político: interpelações à psicologia contemporânea. In: DUTRA, E. (Org.) **Sufrimento e Historicidade**: o desamparo ético político na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022. p. 65-88.

POMPEIA, J. A. Desfecho: Encerramento de um processo. In: Palestra proferida na Semana da Psicologia do Curso de Psicologia da UNISANTOS, em 1990, Santos, SP. **Capítulo de livro**. São Paulo: EDUC–Editora da PUC-SP, 2004, p. 51-68.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. Culpa e desculpa In: _____ **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC–Editora da PUC-SP, 2004a, p.87-117.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. Tempo da Maturidade. In: _____ **Na presença do sentido**: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas. São Paulo: EDUC–Editora da PUC-SP, 2004b, p. 119-151.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. Existência e perda. In: _____ **Os dois nascimentos do homem**: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011a, p. 93-103.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. O sacrifício do sonho. In: _____ **Os dois nascimentos do homem**: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011b, p. 105-122.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. Corporeidade. In: _____ **Os dois nascimentos do homem**: Escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011c, p. 75-92.

PRADO, M. C. A. O existente humano segundo a analítica existencial heideggeriana: considerações sobre o sentido do ser no poema “nem tanto ao caos” de Tião Pinheiro. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 8, n. 60, p. 42-58, 2021. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6136>> Acesso em 13 abr. 2025.

SALANSKIS, J. M. **Heidegger**. São Paulo: Editora Estação Liberdade Ltda, 2011.

SAPIENZA, B. T. **Do desabrigo à confiança**: Daseinsanalyse e terapia. 3. ed. São Paulo: Escuta, 2020.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

TAHAN, V. B. **Cora coragem, Cora poesia**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2012.

VICENTE, K. B.; DIAS A. R. C. Cora Coralina: Poesia e Coeducação no Brasil Central. **Anuario Mexicano de Historia de la Educación**, v. 2, n. 2, p. 95-109, 2021.

ANEXO I - Oração do Milho

Senhor, nada valho.

Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
lavouras pobres.

Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra descuidada.

Ponho folhas e haste, e se me ajudardes, Senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.

Sou a planta primária da lavoura.

Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo
e de mim não se faz o pão alvo universal.

O Justo não me consagrou Pão de Vida, nem
lugar me foi dado nos altares.

Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre.

Sou de origem obscura e de ascendência pobre,
alimento de rústicos e animais do jugo.

Quando os deuses da Hélade corriam pelos bosques,
coroados de rosas e de espigas,
quando os hebreus iam em longas caravanas
buscar na terra do Egito o trigo dos faraós,
quando Rute respigava cantando nas searas de Booz
e Jesus abençoava os trigais maduros,
eu era apenas o bró nativo das tabas ameríndias.

Fui o anjo pesado e constante do escravo na exaustão
do eito.

Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante.

Sou a farinha econômica do proletário.

Sou a polenta do imigrante e a miga dos que começam a
vida em terra estranha.

Alimento de porcos e do triste mu de carga.

O que me planta não levanta comércio, nem vantagem
dinheiro.

Sou apenas a fartura generosa e despreocupada dos paióis.

Sou o cocho abastecido donde ruminam o gado.

Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que
amanhece.

Sou o cacarejo alegre das poedeiras à volta dos seus ninhos.

Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor,
que me fizestes necessário e humilde.

Sou o milho.

ANEXO II - Poema do Milho

Milho...

Punhado plantado nos quintais.

Talhões fechados pelas roças.

Entremeado nas lavouras,

Baliza marcante nas divisas.

Milho verde. Milho seco.

Bem granado, cor de ouro.

Alvo. Às vezes vareia,

- espiga roxa, vermelha, salpintada.

Milho virado, maduro, onde o feijão enrama

Milho quebrado, debulhado

na festa das colheitas anuais.

Bandeira de milho levada para os montes

largada pelas roças.

Bandeiras esquecidas na fartura.

Respiga descuidada

dos pássaros e dos bichos.

Milho empaiolado.

abastança tranqüila

do rato,

do caruncho.

do cupim.

Palha de milho para o colchão.

Jogada pelos pastos.

Mascada pelo gado.

Trançada em fundos de cadeiras.

Queimada nas coivaras.
Leve mortalha de cigarros.
Balaio de milho trocado com o vizinho
no tempo da planta.
"- Não se planta, nos sítios, semente da mesma terra".

Ventos rondando, redemoinhando.
Ventos de outubro.

Tempo mudado. Revôo de saúva.
Trovão surdo, tropeiro.
Na vazante do brejo, no lameiro,
o sapo-fole, o sapo-ferreiro, o sapo-cachorro.
Acauã de madrugada
marcando o tempo, chamando chuva.
Roça nova encoivarada,
começo de brotação.
Roça velha destocada.
Palhada batida, riscada de arado.
Barrufo de chuva.
Cheiro de terra; cheiro de mato,
Terra molhada, Terra saroia.
Noite chuvada, relampeada.
Dia sombrio. Tempo mudado, dando sinais.
Observatório: lua virada. Lua pendida...
Circo amarelo, distanciado,
marcando chuva.
Calendário, Astronomia do lavrador.

Planta de milho na lua-nova.
Sistema velho colonial.

Planta de enxada.

- Seis grãos na cova,

quatro na regra, dois de quebra.

Terra arrastada com o pé,

pisada, inalcada, mode os bichos.

Lanceado certo-cabo-da-enxada...

Vai, vem... sobe, desce...

terra molhada, terra sarioia...

Seis grãos na cova; quatro na regra, dois de quebra.

Sobe. Desce...

Camisa de riscado, calça de mescla

Vai, vem...

golpeando a terra, o plantador.

Na sombra da moita,

na volta do toco - o ancorote d'água.

Cavador de milho, que está fazendo?

A que milênios vem você plantando.

Capanga de grãos dourados a tiracolo.

Crente da Terra, Sacerdote da terra.

Pai da terra.

Filho da terra.

Ascendente da terra.

Descendente da terra.

Ele, mesmo, terra.

Planta com fé religiosa.

Planta sozinho, silencioso.

Cava e planta.

Gestos pretéritos, imemoriais...

Oferta remota; patriarcal.

Liturgia milenária.

Ritual de paz.

Em qualquer parte da Terra
um homem estará sempre plantando,
recriando a Vida.
Recomeçando o Mundo.

Milho plantado; dormindo no chão, aconchegados
seis grãos na cova.
Quatro na regra, dois de quebra.
Vida inerte que a terra vai multiplicar

Evém a perseguição:
o bichinho anônimo que espia, presente.
A formiga-cortadeira - quenquém.
A ratinha do chão, exploradeira.
A rosca vigilante na rodilha,
O passo-preto vagabundo, galhofeiro,
vaiando, sorrindo...
aos gritos arrancando, mal aponta.
O cupim clandestino
roendo, minando,
só de ruindade.

E o milho realiza o milagre genético de nascer.
Germina. Vence os inimigos,
Aponta aos milhares.
- Seis grãos na cova.

- Quatro na regra, dois de quebra,
Um canudinho enrolado.
Amarelo-pálido,
frágil, dourado, se levanta.
Cria sustância.
Passa a verde.
Liberta-se. Enraíza,
Abre folhas espaldejadas.
Encorpa. Encana. Disciplina,
com os poderes de Deus.

Jesus e São João
desceram de noite na roça,
botaram a bênção no milho.
E veio com eles
uma chuva maneira, criadeira, fininha,
uma chuva velhinha,
de cabelos brancos,
abençoando
a infância do milho.

O mato vem vindo junto,
Sementeira.

As pragas todas, conluiadas.
Carrapicho. Amargoso. Picão.
Marianinha. Caruru-de-espinho.
Pé-de-galinha. Colchão.
Alcança, não alcança.
Competição.
Pac... Pac... Pac...

a enxada canta.

Bota o mato abaixo.

arrasta uma terrinha para o pé da planta.

"...- Carpa bem feita vale por duas..."

Quando pode. Quando não... sarobeia.

Chega terra. O milho avoa.

Cresce na vista dos olhos.

Aumenta de dia. Pula de noite.

Verde Entonado, disciplinado, sadio.

Agora...

A lagarta da folha,

lagarta rendeira...

Quem é que vê?

Faz a renda da folha no quieto da noite.

Dorme de dia no olho da planta,

Gorda; Barriguda. Cheia.

Expurgo... Nada... força da lua...

Chovendo acaba - a Deus querê.

"O mio tá bonito..."

"-Vai sê bão o tempo pras lavoras todas."

"-O mio tá marcando..."

Condicinando o futuro:

"- O roçado de seu Féli tá qui fais gosto..."

Um refrigerio!"

"- O mio lá tá verde qui chega a s'tar azur..."

- Conversam vizinhos e compadres.

Milho crescendo, garfando,

esporando nas defesas.

Milho embandeirado.

Embalado pelo vento.

"Do chão ao pendão, 60 dias vão".

Passou aguaceiro, pé-de-vento.

"- O milho acamou..." "- Perdido?"... Nada...

Ele arriba com os poderes de Deus..."

E arribou mesmo; garboso, empertigado, vertical

No cenário vegetal

um engraçado boneco de frangalhos

sobreleva, vigilante.

Alegria verde dos periquitos gritadores...

Bandos em sequência... Evolução...

Pouso... retrocesso.

Manobras em conjunto.

Desfeita formação.

Roedores grazinando, se fartando,

foliando, vaiando

os ingênuos espantalhos.

"Jesus e São João

andaram de noite passeando na lavoura

e botaram a bênção no milho".

Fala assim gente de roça e fala certo.

Pois não está lá na taipa do rancho

o quadro deles, passeando dentro dos trigais?

Analogias... Coerências.

Milho embandeirado

bonecando em gestação.

- Senhor!... Como a roça cheira bem!

Flor de milho, travessa e festiva.

Flor feminina, esvoaçante, faceira.

Flor masculina - lúbrica, desgraciosa.

Bonecas de milho túrgidas,

negaceando, se mostrando vaidosas.

Túnicas, sobretúnicas...

saias, sobre-saias...

Anáguas... camisas verdes.

Cabelos verdes...

- Cabeleiras soltas, lavadas, despenteadas...

- O milharal é desfile de beleza vegetal.

Cabeleiras vermelhas, bastas, onduladas,

Cabelos prateados, verde-gaio.

Cabelos roxos, lisos, encrespados.

Destrançados.

Cabelos compridos, curtos,

queimados, despenteados...

Xampu de chuvas...

Fragrâncias novas no milharal.

- Senhor, como a roça cheira bem!...

As bandeiras altaneiras

vão se abrindo em formação.

Pendões ao vento.

Extravasão da libido vegetal.
 procissão fálica, pagã.
 Um sentido genésico domina o milharal.
 Flor masculina erótica, libidinosa,
 polinizando, fecundando
 a florada adolescente das bonecas:

Boneca de milho, vestida de palha...
 Sete cenários defendem o grão.
 Gordas, esguias, delgadas; alongadas
 Cheias, fecundadas.
 Cabelos soltos excitantes.
 Vestidas de palha.
 Sete cenários defendem o grão,
 Bonecas verdes, vestidas de noiva.
 Afrodisíacas, nupciais...

De permeio algumas virgens loucas...
 Descuidadas. Desprovidas.
 Espigas falhadas. Fanadas. Macheadas.

Cabelos verdes. Cabelos brancos.
 Vermelho-amarelo-roxo, requeimado...
 E o pólen dos pendões fertilizando...
 Uma fragrância quente, sexual
 invade num espasmo o milharal.

A boneca fecundada vira espiga.
 Amortece a grande exaltação.
 Já não importam as verdes cabeleiras rebeladas.
 A espiga cheia salta da haste.

O pendão fálico vira ressecado, esmorecido,
No sagrado rito da fecundação.

Tons maduros de amarelo.
Tudo se volta para a terra-mãe.
O tronco seco é um suporte, agora,
onde o feijão verde trança, enrama, enflora.

Montes de milho novo, esquecidos,
marcando claros no verde que domina a roça.
Bandeiras perdidas na fartura das colheitas.
Bandeiras largadas, restolhadas.
E os bandos de passo-pretos galhofeiros
gritam e cantam na respiga das palhadas.

"Não andeis a respigar" - diz o preceito bíblico
O grão que cai é o direito da terra.
A espiga perdida - pertence às aves
que têm seus ninhos e filhotes a cuidar.
Basta para ti, lavrador,
o monte alto e a tulha cheia.
Deixa a respiga para os que não plantam nem colhem
- O pobrezinho que passa.
- Os bichos da terra e os pássaros do céu.